

CÂNDIDO

BIBLIOTECA
PÚBLICA
DO PARANÁ

35

JUNHO 2014
www.candido.bpp.pr.gov.br

JORNAL DA BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ

Pedro Frantz

De herói a anônimo

Marcante nos clássicos da literatura, o personagem deixou de ser o centro das narrativas e se diluiu na fragmentação do mundo contemporâneo

Poema | **Sylvio Back** ▪ Conto | **Marco Cremasco** ▪ Cliques em Curitiba | **João Urban**



EDITORIAL

A literatura, costuma-se dizer, é espelho do mundo. Mais que isso, os escritores costumam antecipar ideias, tendências e concepções — das ciências e de outras áreas. Por muitos anos, os leitores encontraram nas páginas de obras literárias heróis, ou mesmo anti-heróis: de Quixote, concebido por Miguel de Cervantes no século XVII, até o século XIX, há uma galeria de personagens que praticamente se materializavam diante dos leitores: Conselheiro Acácio, de Eça de Queiroz; Capitu, de Machado de Assis e Emma Bovary, de Gustave Flaubert. E agora, no século XXI? Quem são os personagens representativos da literatura? A reportagem do **Cândido** consultou especialistas para tentar responder a questão. Mirhiane Mendes de Abreu, professora da Unifesp, afirma que na contemporaneidade não há mais espaço para “fortes personagens”. A afirmação encontra ressonância entre outros estudiosos, por exemplo, na argumentação de Ana Cláudia Viegas, professora da UERJ, para quem a ausência ou rarefação dos personagens é um sintoma das configurações contemporâneas da subjetividade. O escritor Luiz Antonio de Assis Brasil pega carona nesse discurso e observa que, atualmente, há diversos personagens, muitos dos quais não nomeados, que executam ações aparentemente triviais: “É o gari que varre a rua, o motoboy numa fila de banco, é a professora que vara madrugadas corrigindo provas, é o soldado que tira guarda ao sol. Enfim, não há ações ‘grandiosas’, ao estilo antigo; se as houvesse, o leitor desconfiaria. Não se trata de incapacidade dos escritores, até porque os escritores não poderiam, coletivamente, perder uma habilidade conquistada há séculos”, garante Assis Brasil. O professor da Universidade Federal de Pernambuco Anco Tenório Vieira chama atenção para o fato de que personagens marcantes são aqueles que se transformam em adjetivos. “Daí porque nos referimos a uma dada personagem como quixotesca, macunaímica, acaciana”, afirma Vieira, referindo-se a Dom Quixote (de Miguel de Cervantes), Macunaíma (de Mário de Andrade) e Conselheiro Acácio (de Eça de Queiroz). E, para arrematar, o pesquisador da UFPE ainda afirma não lembrar de nenhuma obra ou personagem, de autoria de brasileiros e estrangeiros, nos últimos 20 anos, que tenha deixado de ser apenas um personagem literário para ter se transformado em um adjetivo, em um traço de caráter que defina uma pessoa ou um certo fenômeno.

O assunto é complexo e polêmico e está analisado, em detalhes, nesta edição.

Boa leitura!

CARTUM Nilson Sampaio



BIBLIOTECA AFETIVA



Divulgação

A infância e a adolescência ficaram para trás, mas ainda carrego algumas lembranças daquele tempo. Recordo as longas tardes frias em que — sentado em uma das mesas da Biblioteca Pública de Lages (SC) — devorei (e isso não é um exagero!) os mais de vinte romances escritos por Karl May. Ao lado de Winnetou e Mão-de-Ferro, lutando contra forças que escapavam ao entendimento humano, me transformei no herói que não descansava diante das injustiças do mundo. Com qualquer um daqueles livros na mão, a vida era uma aventura.

Raul J. M. Arruda Filho é, antes de tudo, leitor. Doutor em Teoria da Literatura, é autor de três livros de poesia: *Um abraço pra quem fica?*, *Cigarro apagado no fundo da taça* e *Referências*. Publica no blog raulealiteratura.blogspot.com.br. Nasceu e mora em Lages (SC).



Divulgação

Um dos primeiros livros que li quando me mudei para Curitiba foi *Cem anos de solidão*, do colombiano Gabriel García Márquez. Na época, tinha 18 anos, sem saber ainda o que eram bons romances, e pouco afeito a livros mais consagrados. Me prendi tanto à trama que, conforme as páginas avançavam, eu diminuía o ritmo da leitura pra que o sabor do livro durasse mais tempo. Carregava por aí uma árvore genealógica da família Buendía para não me perder na trama e me aproximar daquelas pessoas de Macondo. Agora, já mais velho, volto a ler o autor em *Notícia de um sequestro*, sobre os problemas sociais e políticos da Colômbia. O Gabo jornalista aparece em contraste com o Gabo do realismo fantástico e consigo ver várias facetas do seu trabalho. Dois livros que marcaram minha formação, um saindo da adolescência, o outro saindo da faculdade.

Thiago Lavado é estagiário de jornalismo na Biblioteca Pública do Paraná e cursa o último ano de Jornalismo. Nasceu em Foz do Iguaçu e vive em Curitiba desde 2009.

EXPEDIENTE

CÂNDIDO

Cândido é uma publicação mensal da Biblioteca Pública do Paraná



Governador do Estado do Paraná: Beto Richa
Secretário de Estado da Cultura: Paulino Viapiana
Diretor da Biblioteca Pública do Paraná: Rogério Pereira
Presidente da Associação dos Amigos da BPP: Gerson Gross

Coordenação Editorial:

Rogério Pereira e Luiz Rebinski Junior

Redação:

Marcio Renato dos Santos e Omar Godoy

Estagiários:

Lucas de Lavor, Mellissa R. Pitta e Thiago Lavado

Coordenação de Desenho Gráfico | CDG | SEEC

Rita Solieri Brandt | coordenação

Bianca Salomons, Cecília Fumaneri e Raquel Dzierva | diagramação

Colaboradores desta edição:

Cecília Fumaneri, Deivid Almeida, Jovino Machado, João Urban, Marco Jacobsen, Marco Cremasco, Nilson Sampaio, Pedro Franz, Rômulo D'Hipólito, Simon Taylor, Sylvio Back e Theo Szczepanski.

Redação:

imprensa@bpp.pr.gov.br | (41) 3221-4974

BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ
Rua Cândido Lopes, 133. CEP: 80020-901 | Curitiba | PR.
Horário de funcionamento:
Segunda à sexta, das 8h30 às 20h.
Sábados, das 8h30 às 13h.

Todos os textos são de responsabilidade exclusiva do autor e não expressam a opinião do jornal.

CURTAS DA BPP



RPG na Biblioteca

No dia 14 de junho será realizado mais um “Encontro de jogadores de RPG” na Biblioteca Pública do Paraná. O evento acontece no Hall do 2º andar, das 13h às 17h. Para participar, o estúdio UCM Comics, parceiro da BPP na realização do evento, disponibiliza em seu site um “Passe Livre”, que dará aos jogadores acesso à Biblioteca. Para imprimi-lo, basta acessar o endereço www.uccomics.com. É necessária a apresentação do passe para a entrada no prédio. O encontro tem como intenção deixar os jogadores à vontade para que vivam as suas aventuras no espaço disponibilizado e que interajam com outros entusiastas do jogo. Pessoas que não conheçam o universo do RPG também podem participar. Desde março de 2013, o projeto acontece mensalmente, reunindo adeptos da modalidade.

Miguel Sanches na Biblioteca

O escritor, crítico e professor Miguel Sanches Neto é o convidado do terceiro encontro do projeto “Um Escritor na Biblioteca” em 2014. O bate-papo acontece em 4 de junho, às 19h, no auditório Paul Garfunkel da Biblioteca Pública do Paraná, com entrada franca. Sanches Neto começou escrevendo críticas para jornais e já publicou mais de uma dezena de livros, nos mais diversos gêneros. Entre suas principais obras, destacam-se os romances *Chove sobre minha infância* (2000), *Um amor anarquista*, *Chá das cinco com o Vampiro*. Também é autor das coletâneas de contos *Então você quer ser escritor?* e *Hóspede secreto*, entre outros.

Editora UFPR lança livro sobre caderno “Mais!”



Jornalismo cultural e crítica: A literatura brasileira no suplemento Mais, de Marcelo Lima, faz um resgate da trajetória do caderno “Mais!”, da *Folha de S. Paulo*, que circulou entre 1992 e 2010. A partir daí, o suplemento seria substituído pela “Ilustríssima”, que traz conceito editorial diferente do “Mais!”. Bastante prestigiado entre o público especializado, o “Mais!” foi uma forte referência no jornalismo cultural brasileiro. Originalmente uma pesquisa de doutorado, o livro de Lima procura entender como o suplemento enfocou a literatura brasileira nos anos 1990 e início dos anos 2000. A partir da leitura dos suplementos, o autor localiza a permanência de escritores e críticos ligados à tradição modernista nas páginas do jornal, em detrimento da exposição dos nomes que formam a produção mais recente.

Homero no Olimpo

O curitibano Homero Gomes acaba de estreiar na prosa com a coletânea de contos *Sísifo desatento*. A obra é composta por 28 contos que mesclam referências da cultura grega a histórias de suspense e violência. O livro de Gomes foi finalista do Prêmio Sesc de Literatura em 2007 e, segundo o autor, os contos foram retrabalhados ao longo dos anos até serem finalmente publicados. Gomes também é poeta e lançou recentemente seu primeiro livro no gênero, *A solidão de caronte*.



Lulu, a Louca



O conto “Lulu, a Louca”, de Dalton Trevisan, será adaptado para o cinema. Com fotografia de Pedro Merege e trilha de Bernardo Grassi, o filme será dirigido pelo cineasta Estevan Silveira. O elenco conta com a veterana Linda May, Marino Jr. Maicon Santini, Joni, Carlos Zanetti, Ney Souza, Jean Louis e outras personalidades da noite curitibana. Marcio Luz também participa como ator e narrador. Outro destaque é a atuação de Tiomkim Oswald Filho. A história se baseia na vida da personagem-

título, um travesti que perambula pelos banheiros públicos atrás de sexo. “Meu mundo é dos banheiros e mictórios públicos. São os meus museus, as minhas igrejas”, diz Lulu. Além de Joaquim Pedro de Andrade, que nos anos 1970 adaptou a história de *Guerra conjugal*, Estevan Silveira é o único cineasta brasileiro autorizado por Dalton Trevisan a filmar seus contos, tendo dirigido vários curtas-metragens a partir das histórias do escritor curitibano. O filme deve ser lançado ainda este mês.



Affonso Romano de Sant'Anna



Ele é um dos intelectuais mais atuantes do país. Escreve crônicas para jornais e revistas há mais de meio século. É um dos principais poetas brasileiros, autor de dezenas de livros, entre os quais *Que país é este?* e *Textamentos*.

Estudou a obra de Carlos Drummond de Andrade, o que resultou no livro *Drummond: o gauche no tempo*. O seu ensaio sobre o Barroco — *Barroco: do quadrado à elipse* — joga luzes sobre a realidade nacional. Affonso Romano de Sant’Anna, mineiro nascido em Juiz de Fora em 1937, foi o segundo convidado de 2014 do projeto “Um Escritor na Biblioteca”. No palco do auditório Paul Garfunkel, ele falou a respeito de sua trajetória no universo das ideias. Da primeira biblioteca, a de seu pai, até presidir a Fundação Biblioteca Nacional, entre 1990 e 1996, assumiu a sua paixão pela leitura: “Não saberia viver sem essa coisa que é o livro, seja em papel ou digital.” Comentou, em detalhes, sobre o seu processo de criação, seja na crônica ou por meio da poesia: “Se eu não coloco uma emoção em palavra, não sei se aquela emoção existe. A emoção só passa a existir na hora em que encontro uma fórmula escrita que traduza aquela emoção.” Em meio ao bate-papo, houve espaço para reafirmar a sua militância por mais esclarecimento nas artes visuais, cenário atualmente nebuloso e refém de, para ele, um discurso que precisa ser discutido — o intelectual já escreveu dois livros sobre o tema, *Desconstruir Duchamp* e *O enigma vazio*. O futuro das bibliotecas, a necessidade de promover uma campanha para que os jovens troquem o videogame pela leitura e o dilema de aceitar ou não ser o sucessor de Carlos Drummond de Andrade também estão presentes no bate-papo transcrito nesta edição do **Cândido**.

PRIMEIRAS BIBLIOTECAS

A primeira biblioteca que conheci foi a do meu pai. Ele era uma pessoa estranha. Foi professor de esperanto, uma língua internacional criada por um polonês com 16 regras fixas. Enfim, meu pai tinha uma pequena biblioteca, com poucos livros. Eu só iria entrar em uma biblioteca, de fato, muito tempo depois. Inclusive, aconteceu de eu dirigir a Fundação Biblioteca Nacional, que hoje tem 9 milhões de volumes. De modo que biblioteca fazem parte da minha vida. Não saberia viver sem essa coisa que é o livro, seja em papel ou digital.

COLEÇÃO PARTICULAR

Lá em casa acontece uma coisa que também deve acontecer na casa de vocês. Volta e meia chega um operário ou um jornalista, o que é mais grave, e faz a pergunta: “O senhor já leu todos esses livros?”. É incrível, porque fazem sempre a mesma pergunta. Dependendo do dia, respondo: “É, eu já li. Esses aí e tem mais três cômodos de uma casa em Friburgo que também estão cheios de livros. E tem ainda os que eu não tenho, mas li em bibliotecas.”

O LEITOR ENQUANTO JOVEM

Comecei a ler, de fato, no colégio, onde havia grêmios literários, os quais eu frequentava. Lá, o aluno aprendia a fazer discurso, a falar em público e a escrever. Com 15, 16 anos, fazíamos composições, poemas. Você se apresentava e um professor fazia a crítica, o que é interessante, não é mesmo? Aprender a ouvir as críticas. Lembro que um dia fiquei um pouco envaidecido, e ao mesmo tempo chateado, porque um professor perguntou de onde eu tinha tirado o texto que havia apresentado. Acabei entendendo que ele estava fazendo um elogio de cabeça para baixo, por achar que o texto não era tão ruim assim. Desde então, segui pelo mundo afora lendo. E escrevendo.

O INÍCIO DA CRIAÇÃO

Quando tinha 16 anos, resolvi escrever um artigo e levei até um jornal. Publicaram o texto e foi uma catástrofe na minha vida. Porque acreditei que o que eu escrevia podia ser publicado. Eu pegava o jornal, olhava meu nome impresso e dizia: “Que coisa maravilhosa!” Esse narcisismo tem a ver com a juventude, não é mesmo? Continuei escrevendo, mas tem um detalhe. Em casa éramos seis irmãos, filhos do mesmo pai e da mesma mãe. Só eu virei escritor. Então, tem algo aí, que são as diferenças individuais. Pode, de repente, uma casa ter cinco músicos, pelas mais diversas razões. Mas, lá em casa, só eu escolhi a palavra como instrumento de contato com a realidade.

O INEXPLICÁVEL

Se eu não coloco uma emoção em palavra, não sei se aquela emoção existe. A emoção só passa a existir na hora em que encontro uma fórmula escrita que traduza aquele sentimento. Quem escreve, ao finalizar o texto, quem realiza um concerto ou um bailarino quando executa uma dança perfeita no palco sabe: alguma coisa acontece dentro do artista em termos de realização. Um gesto artístico é um gesto de realização pessoal, é um desafio, mas também é algo espiritual difícil de descrever.

SUBSTITUTO DE DRUMMOND

Então, o Wilson Martins escreveu que eu seria o sucessor do Carlos Drummond de Andrade. Sabe que a afirmação me criou inúmeros problemas? Eu não sabia que tinha tanta gente no Brasil que almejava ser o próximo Carlos Drummond de Andrade. Passei 30 anos explicando que não sou sucessor de ninguém. Mal consigo suceder a mim mesmo, imagina uma outra pessoa! Na época, o jornalista Mário Sérgio Conti ficou irritado e comentou, nas páginas da revista *Veja* que, se fosse para falar em sucessor de Drummond, o

UM ESCRITOR na BIBLIOTECA

sucessor poderia ser tanto o Pelé como eu porque, na opinião do Conti, o Pelé e eu fazíamos poemas ruins. Que coisa. Coitado do Pelé!

DOIS MINEIROS

Há algumas coincidências entre o Drummond e eu. Ambos nascemos em Minas Gerais. Estudei muito a obra dele e a tese que escrevi a respeito se transformou no livro *Drummond: o gaucho no tempo*, que rendeu cinco prêmios nacionais e está traduzida em outros cinco idiomas. Desfilei na Mangueira quando ele foi tema do samba-enredo. Quando ele se aposentou como cronista do *Jornal do Brasil*, me chamaram para substituí-lo. Fora isso, somos totalmente diferentes. Sou extrovertido e conto piadas, já o Drummond era reservado. Um dia, recebi uma ligação do *Jornal do Brasil*: era o editor do “Caderno B”, o jornalista Zuenir Ventura. Ele me pediu um texto sobre a vida e o legado do Drummond, para ser publicado quando o poeta morresse. Aceitei a encomenda, mas fiquei com peso na consciência. Como escrever o necrológio de uma pessoa que ainda estava viva? Escrevi o texto, mas o Drummond não morreu. Não só não morreu, como o encontrei, dias depois, na rua. Até me perguntei se deveria mostrar a ele o necrológio que fiz, mas não mostrei. Deveria ter mostrado. Afinal, não é todo dia que você pode ler o seu necrológio feito por uma pessoa que o admira. Teria sido uma experiência sensacional.

UM PÉ NA IMPRENSA

Comecei a trabalhar em jornal muito cedo, ainda em Juiz de Fora. Depois, atuei nos jornais de Belo Horizonte e escrevi em alguns diários do Rio de Janeiro e de São Paulo. Durante dois anos, na década de 1970, fiz crítica literária na revista *Veja*. Vou, inclusive, republicar aquelas críticas em livro, porque a experiência de ser crí-

tico é muito dolorosa e difícil. Afinal, o crítico precisa escrever o que sente sobre a obra de pessoas que ainda estão vivas e que acreditam que os seus livros são o sal da terra.

CRONISTA CONSCIENTE

Pensei em preparar um livro para revelar o que penso a respeito da crônica. Tenho uma ideia sobre literatura que é algo um tanto pretensioso. Quando você se propõe a fazer uma coisa, primeiramente, é necessário se inteirar do que está acontecendo. Comecei a escrever nos anos 1950 e tive que me inteirar sobre o que estava acontecendo na literatura brasileira, estudá-la e, evidentemente, eu estava prestando atenção na crônica, apesar de, naquele contexto, ainda não atuar sistematicamente como cronista. Pois bem, a crônica passou por modificações imensas. Há poucos meses, fiz uma conferência sobre Rubem Braga, que é o ápice da crônica no Brasil, o inventor da crônica moderna no país, e para realizar a conferência, tive que rever uma série de questões sobre o gênero.

ESTUDAR O GÊNERO

Outro dia, a *Folha de S. Paulo* divulgou que tem quase 200 cronistas. Curioso, não? Hoje há uma confusão a respeito do que é cronista, o que é comentarista, o que é editorialista. Há uma série de categorias que você pode diferenciar. A crônica, com o passar do tempo, aliciou pessoas de outros gêneros e foi ficando esmaecida, perdeu um pouco de suas características próprias. Isso é um assunto para ser estudado pelos acadêmicos. A universidade tem que descobrir a crônica. Afinal, é um gênero curioso, muito específico e deve ser estudada com certo método.

CRÔNICA E POESIA

Um dia, estava em meu escritório já preparado para escrever uma crônica e, como todo cronista, tinha uma

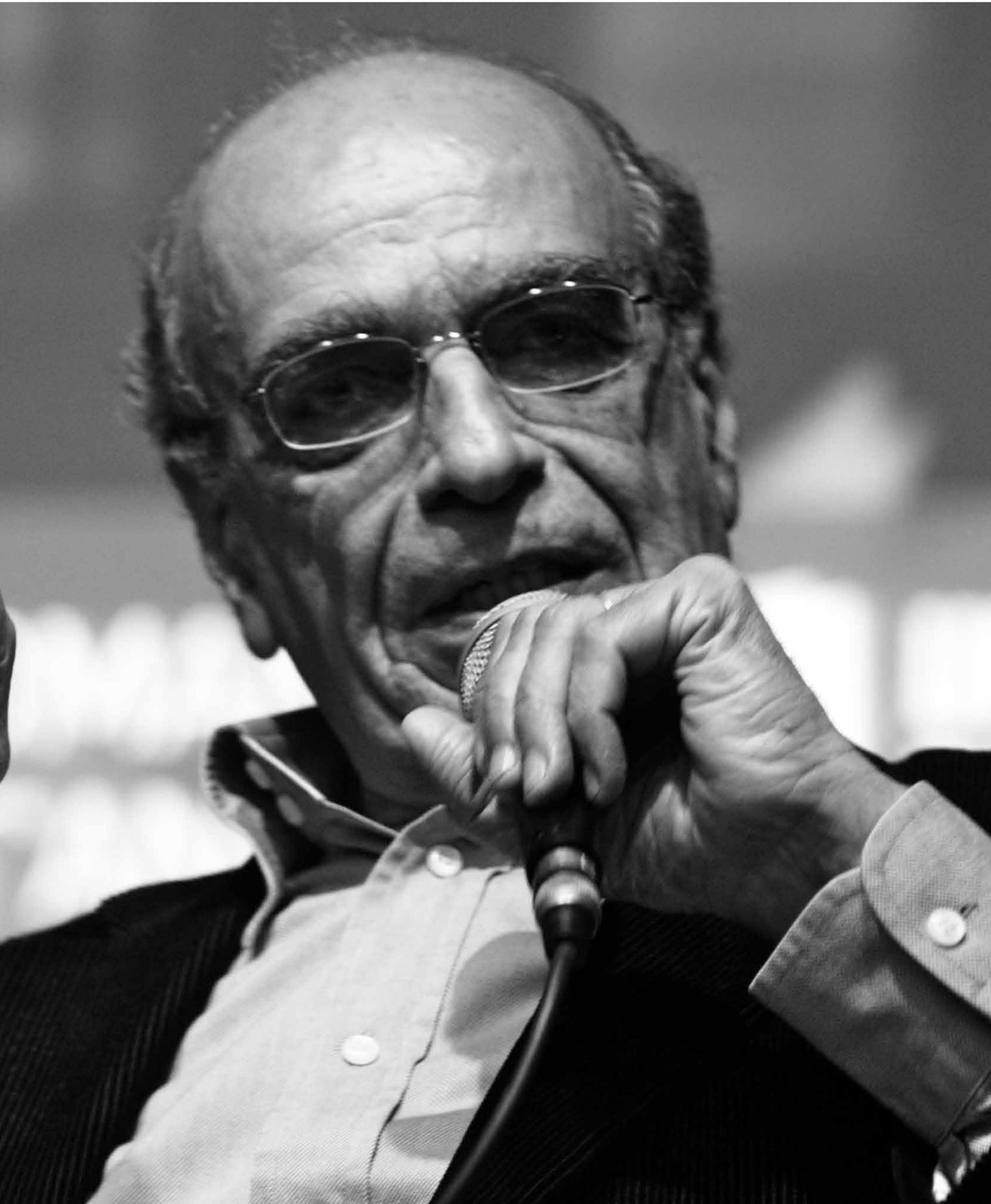
“Durante dois anos, na década de 1970, fiz crítica literária na revista *Veja*. Vou republicar aquelas críticas em livro, porque a experiência de ser crítico é muito dolorosa e difícil.”

série de assuntos que tinha tomado nota. Ia começar a escrever quando Rubem Braga me telefonou contando que o Hélio Pellegrino tinha acabado de morrer. Você está sentado para escrever uma crônica profissionalmente e recebe a notícia de um amigo informando que outro grande amigo morreu. O que fazer? Escreve uma crônica fria ou vai reorganizar suas coisas para falar sobre o acontecido? Dias depois, encontro na rua Fernando Sabino, e ele comentou que tinha lido o meu “poema” sobre a morte do Hélio Pellegrino. Sim, o Sabino, curiosamente, chamou a crônica de poema. Fiquei com aquilo na cabeça e fui reler a crônica. Decidi fazer uma experiência. Peguei a crônica, coloquei as frases em versos e a publiquei em um livro de poesias. A crônica havia surgido dentro de um momento de emoção, tensão, em forma de poesia. Saiu uma crônica, mas a rigor era um texto de força poética. Então, essa relação entre crônica e poesia precisa e deve ser estudada formalmente.

BIBLIOTECA NACIONAL

Eu havia recusado um cargo na Funarte, até mesmo uma indicação para ser o ministro da Cultura no governo Collor e olhe que não sou e nunca fui de paparicar os poderosos. De repente, o cargo





de presidente da Fundação Biblioteca Nacional caiu no meu colo. Quando retornei da cerimônia de posse, ainda em Brasília, minha esposa, a escritora Marina Colasanti, me chamou a atenção para um filme que passava na tela de uma televisão no aeroporto. Era sobre uns atletas, fortes, que levantavam pesos imensos. Falei: “Olhe, Marina, que coisa maluca. Levantar um peso desses, já pensou?” A Marina respondeu: “Pois é. E você foi aceitar a Biblioteca Nacional, né?” Era parecido e eu não sabia. Escrevi um livro, chamado *Ler o mundo*, onde conto sobre a minha experiência, entre 1990 e 1996, à frente da Fundação Biblioteca Nacional.

RODA QUADRADA

Foi maravilhoso o período em que estive na Fundação Biblioteca Nacional. Conheci bibliotecas do mundo inteiro, convivi com diretores de bibliotecas e, acima de tudo, compreendi o funcionamento do serviço público brasileiro. Hoje, quando leio jornais, tenho um certo distanciamento. Afinal, não há nada mais fácil do que falar mal do governo. É um esporte internacional. Você pode ir a qualquer lugar do mundo que o motorista de táxi começa a falar mal do governo e, em geral, o taxista tem razão. Acontece que, quando se está em um cargo público, você descobre que, na administração pública, a roda é quadrada, e a carruagem tem que andar. É aí que o bicho pega. Apesar da adversidade, de uma inflação galopante, eu e minha equipe conseguimos criar o Sistema Nacional de Bibliotecas e o Programa Nacional de Incentivo à Leitura (PROLER), que foi uma revolução em termos de leitura no país.

O ENIGMA VAZIO

Você é formado, saiu da universidade, voltou, fez pós-graduação, mestrado, doutorado, você viaja, frequenta museus e, então, vai a uma exposição em

UM ESCRITOR na BIBLIOTECA



uma bienal e não entende nada. Você não tem que entender sempre, mas nas bienais você não entende nada. Surge uma distonia entre a obra e o espectador. Comecei a estudar esse problema com mais atenção e escrevi dois livros sobre o assunto, *Desconstruir Duchamp* e *O enigma vazio*. Estou escrevendo um ensaio sobre a ideia de insignificância. Você vê certas coisas e percebe que elas não significam nada. Teve um cidadão, que veio da Inglaterra, pago pelo governo inglês, foi a São Paulo e a exposição que ele apresentou era a seguinte: um copo d'água pela metade, em cima de uma prateleira. Ele, o cidadão inglês, dizia que aquele copo d'água era um carvalho. Sim. O sujeito dizia que o copo d'água era um carvalho. As pessoas que visitavam a exposição tinham que olhar aquele copo d'água como se aquilo fosse um carvalho. É algo alucinado, não é? E, ao redor disso, tem toda uma teorização maravilhosa, incrível. Essa teorização, no entanto, pode ser decomposta e analisada. As pessoas não analisam as teorizações feitas a respeito de certos objetos produzidos pela arte contemporânea.

CARÊNCIA DE BIBLIOTECAS

Se fôssemos construir bibliotecas no país inteiro, que deveriam ter sido construídas há duzentos anos, gastaríamos um dinheiro incrível. Mas isso não bastaria porque, além da biblioteca, da estrutura física, teríamos que refazer a cabeça dos bibliotecários. Não dá para construir bibliotecas nesse país, nos bairros, no interior, na Amazônia, no Nordeste, não dá, não dá mais. O investimento é inviável. Mas temos a internet. A pessoa que mora na Amazônia, no interior do Paraná, onde for, tem que botar na cabeça que no seu celular tem, de graça, os maiores e melhores livros do

mundo. Todo mundo tem uma biblioteca maravilhosa nas próprias mãos. Você pode estar na margem do Rio Negro e ler um clássico russo de graça. Hoje só não lê quem não quer. Anteriormente, você tinha essa desculpa. Ah, não tem biblioteca na minha cidade, o livro é caro, etc. Hoje não. O acesso ao livro é de graça.

NOVOS LEITORES

Basta conferir as estatísticas. Nos Estados Unidos, os pedagogos dizem que os alunos não estão mais sabendo escrever. Reportagens mostram que na Itália, na França, na Espanha, em qualquer país, os professores e os comunicadores afirmam que os jovens não sabem mais escrever. E não sabem por uma razão muito simples: por causa da cultura digital. A cultura visual, não só o cinema, não só a televisão, mas, principalmente, os joguinhos. E esses joguinhos são fascinantes. O desafio de um professor hoje é totalmente diferente do que era no tempo em que eu lecionava. Quando dava aula em colégio estadual e tinha que falar sobre algum período da história da arte, eu levava uns livros que tinha em casa e mostrava alguns exemplos por meio de um projetor de slides. Hoje, é possível usar a internet e localizar os arquivos instantaneamente. A sala de aula se tornou um espaço diferente do que era em um passado não muito distante. E o professor tem que estar ciente disso. Se fosse professor hoje, o que eu faria? Ia começar do zero. Porque, imagine: o aluno tem, em tese, toda a informação disponível na internet, no celular, e na sala de aula esse aluno fica sentado ouvindo uma pessoa falar. Dá certo? Pode até ter um certo charme, mas é algo muito antigo. Por isso, tem que inventar coisas. Acredito que, na medida em que



O escritor Marcio Renato dos Santos mediu o papo com o poeta Affonso Romano de Sant'Anna no auditório Paul Garfunkel.

o professor inventa e cria com os alunos uma nova forma de aprender, ele estará achando uma solução. É preciso romper um ciclo vicioso.

NA PALMA DA MÃO

Temos que fazer uma campanha para que as pessoas descubram que todos têm uma biblioteca nas suas mãos. Quando você vai a uma *lan house*, o que se escuta? Uma barulheira incrível. Uma gritaria sem fim. O que passa? Os meninos estão jogando. São jogos de matar e morrer. Então, tem que ensinar esse pessoal a ler, seja no computador ou na tela do celular. Todo mundo está com o celular na mão, mas é joguinho ou palavra cruzada para matar o tempo, quando o sujeito poderia estar aproveitando

o tempo lendo algum livro de Dostoiévski, Cervantes ou Machado de Assis. É importante fazer uma campanha de descoberta da biblioteca digital.

SOCIEDADE DIGITAL

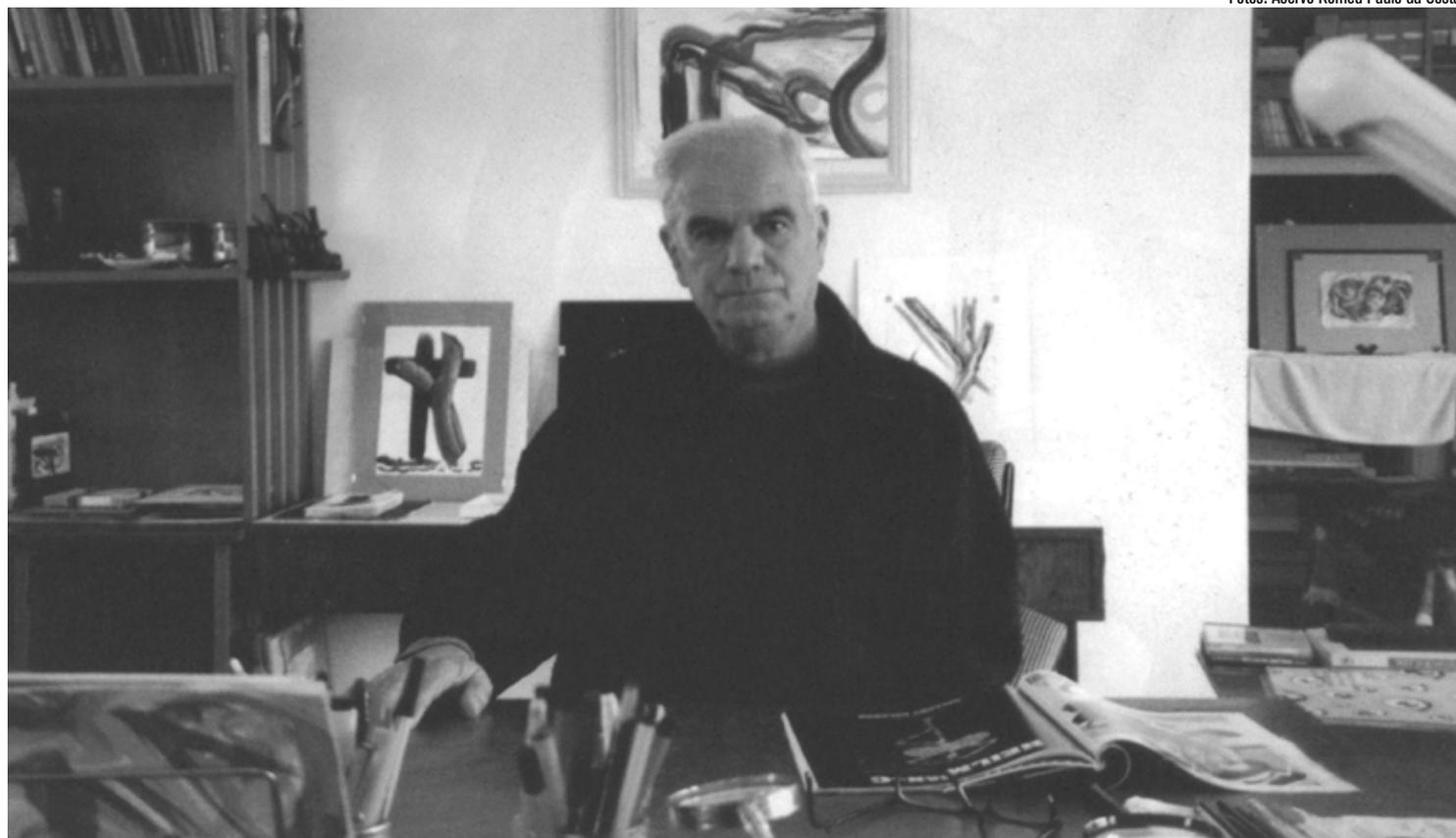
Outro dia minha filha disse que a afilhada dela falou algo maravilhoso. É uma menina de sete, oito e ganhou um livro de papel. Ela ficou passando o dedo no livro, mas a página não andava. A menina está acostumada a colocar o dedo no telefone, não é isso? Há uma diferença entre as gerações e é necessário dar um salto acima do tempo e do espaço. Eu não vou ver isso. Infelizmente, eu já estou indo embora, daqui a pouco. Mas os filhos de vocês vão ter que conviver com a sociedade digital, cada vez mais digital. ■

“A crônica, com o passar do tempo, aliciou pessoas de outros gêneros e foi ficando esmaecida, perdeu um pouco de suas características próprias.”

O moderno Romeu

O engenheiro que projetou o atual prédio da Biblioteca Pública do Paraná, no centro de Curitiba, faleceu no último mês de maio, aos 90 anos. Ele foi um dos pioneiros do estilo arquitetônico modernista que marcou a paisagem curitibana

THIAGO LAVADO



Fotos: Acervo Romeu Paulo da Costa

Romeu Paulo da Costa no estúdio de sua casa, na rua Saldanha Marinho, onde fazia projetos, pintava e escutava música.

Curitiba perdeu um dos nomes mais relevantes da arquitetura local. Romeu Paulo da Costa, que faleceu no último dia 3 de maio, projetou o atual prédio da Biblioteca Pública do Paraná, no centro de Curitiba. O engenheiro foi um expoente do modernismo na arquitetura do Paraná, ajudando a introduzir o movimento na paisagem da capital em uma época em que as ideias modernistas eram bastante incipientes na arquitetura brasileira.

“O Bento Munhoz da Rocha Neto, governador do Paraná nos anos 1950, utilizou a arquitetura para mostrar o bom momento do Estado. O Romeu, junto com seu parceiro profissional, Rubens Meister, estava na hora certa e no lugar certo. Os dois souberam ser aproveitados

e usar o conhecimento que tinham”, diz o historiador Marcelo Sutil, autor da biografia *Romeu Paulo da Costa: vida e obra*.

Romeu foi o criador de projetos que hoje estão fortemente integrados na paisagem da cidade e no imaginário dos curitibanos, como o Edifício Marumby, na Praça Santos Andrade. Mas foi com as obras públicas que projetou que Romeu deixou seu nome marcado na arquitetura da cidade. Ele foi responsável pelos projetos do Teatro Guaíra (junto com Meister) e do Grupo Escolar Barão do Rio Branco, entre muitos outros.

Mas é a Biblioteca Pública do Paraná sua maior obra e a que mais evoca o modernismo da década de 1950. Construída em apenas oito meses, foi o único prédio a ficar pronto para as comemora-

ções do centenário em 1953. “Ele trabalhava praticamente ao lado do canteiro de obras. Assim que um desenho era finalizado, passava para a mesa seguinte para os detalhes e dali para o canteiro de obras. Tudo a toque de caixa”, explica Sutil. Para melhorar o projeto, Romeu viajou até o Rio de Janeiro, onde entrevistou bibliotecárias, como Lydia de Queiroz Sambaqui, autoridade nacional na área de biblioteconomia, que o ajudou a estabelecer diversos detalhes da estrutura e do funcionamento da futura BPP, que seria a primeira biblioteca do país em que o usuário escolhia pessoalmente os livros nas estantes, como em livrarias.

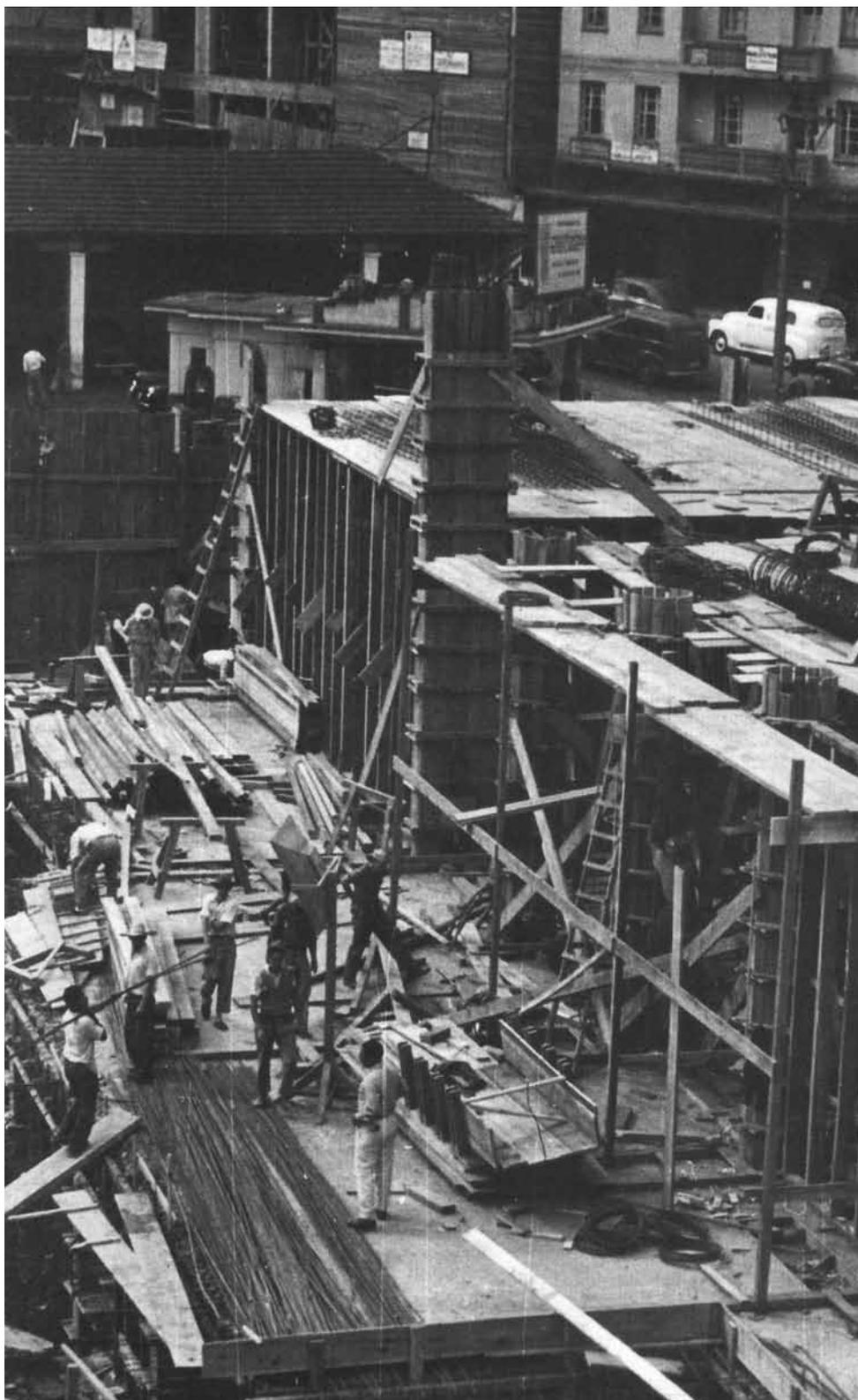
Formação profissional

Nascido em 25 de janeiro de 1924,

Romeu Paulo da Costa era formado em Engenharia Civil desde 1948. Romeu demonstrou interesse e talento para o desenho desde muito jovem. No colégio Bom Jesus, ainda menino, conheceu o amigo Rubens Meister, de quem se tornaria companheiro de profissão.

O primeiro emprego de Romeu foi em uma chapelaria, onde o jovem aprendiz fazia entregas e desenhava preços. Da chapelaria foi para uma loja de tinta e, de lá, para uma oficina de arte mobiliária. Ali foi designado como um dos responsáveis pela fabricação dos móveis. Já nessa época, a carreira estava definida.

Em um tempo em que o curso de arquitetura ainda não existia em Curitiba, a engenharia era o meio mais promissor para quem queria desenvolver



Construção da Biblioteca Pública do Paraná em andamento: obra feita em oito meses, como parte das comemorações do centenário da emancipação política do Paraná.



Romeu Paulo da Costa (o primeiro, à esquerda) visita o canteiro de obras do Teatro Guairá, do qual era presidente da Comissão de Obras.

grandes projetos. Foi então o caminho que Romeu seguiu a partir da década de 1940, quando o movimento da arquitetura moderna começou a aparecer mais na cidade. A amizade com Rubens Meister se mostrou frutífera, pois o processo de aprendizado era menos acadêmico e mais prático na época. “Foi algo [a aprendizagem] muito autodidata. Eles corriam muito atrás de informação, principalmente por meio de periódicos de arquitetura que vinham da Argentina, Europa, Alemanha e Estados Unidos. Essas revistas eram muito importantes para a formação desses profissionais”, relata o biógrafo Marcelo Sutil. O próprio Romeu afirmava que “se aprendia arquitetura no dia a dia, ao vivo, fazendo. Estudo era só livro e revistas. Professores não”.

Na década de 1960, Romeu viajou à França, onde obteve bolsa de estudos e uma oportunidade de estágio. Lá, pôde aprender mais sobre a concepção

de novos espaços, com ênfase na construção de escolas. Essas novas ideias o ajudaram na criação e inovação de várias escolas enquanto trabalhava na Secretaria de Obras Públicas do Estado, onde concebeu uma de suas obras mais célebres, o Grupo Escolar Barão do Rio Branco. “Ele conseguiu reformular o conceito de projetos arquitetônicos escolares nessa época em que trabalhou para o Estado”, explica Sutil.

Junto do amigo Rubens Meister, Romeu também foi professor do curso de Arquitetura e Urbanismo da UFPR, que ele ajudou a fundar em 1962. Deu aulas de arquitetura durante 35 anos. Era ainda aficionado por fotografia: sempre com uma máquina a tira-colo, pronto para fazer cliques da família durante as viagens. Também se mostrou artista plástico, angariando para si o título de “expressionista abstrato”. Romeu chegou, inclusive, a expor sua produção artística na BPP. ■

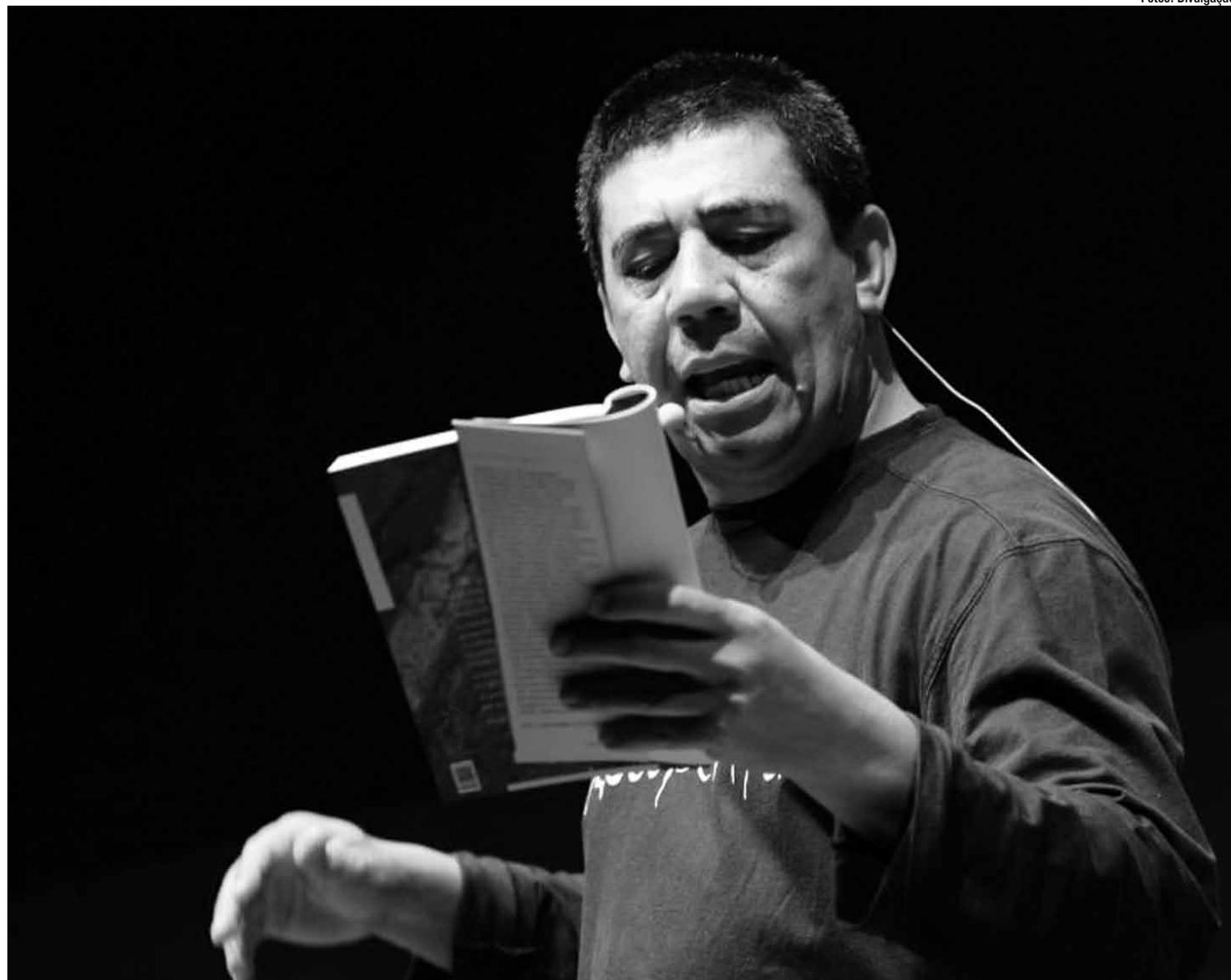
É preciso “ler” as pessoas

O poeta Sérgio Vaz fala sobre o sucesso do Sarau da Cooperifa, evento literário que ele organiza há 12 anos e hoje funciona num bar da Zona Sul de São Paulo

OMAR GODDY

“Em 12 anos, o encontro nunca falhou. Nem em dia de jogo da Libertadores”, garante o poeta e agitador Sérgio Vaz, criador do Sarau da Cooperifa (Cooperativa Cultural da Periferia), um dos projetos de incentivo à leitura mais conhecidos do país. Prestes a completar 13 anos, no próximo mês de outubro, o evento atrai, semanalmente, quase uma centena de interessados por literatura, que se reúnem para declamar, ouvir e discutir poesia em um bar na região do Jardim Guarujá, na Zona Sul da capital paulista.

Todas as quartas-feiras (exceto no período de Natal e Ano Novo), a partir das 20h30, qualquer pessoa pode se inscrever e apresentar suas produções ou textos de outros escritores — de acordo com Vaz, 80% do material declamado é autoral. “Em média, são 50 poetas por noite. Mas já tivemos picos de 80 inscritos”, conta o poeta, cujo currículo inclui oito livros lançados e a organização de outras iniciativas da cooperativa independente (entre elas o Cinema na Laje, realizado quinzenalmente, às segundas-feiras).



O poeta Sérgio Vaz comanda o sarau da Cooperifa há 12 anos.

Zé Batidão, dono do bar e um dos principais apoiadores da Cooperifa, também abriu espaço em seu comércio para uma biblioteca comunitária. Para emprestar um livro, basta chegar e pegar. Não é necessário nem se registrar. O único compromisso, segundo Vaz, é ler. “Às vezes, eu até torço para que não devolvam os livros, porque pode ser um sinal de que outras pessoas estão lendo.

Sou que nem um traficante: a primeira dose eu entrego de graça”, brinca.

Com a ajuda de instituições, a cooperativa também promove eventos voltados para a distribuição gratuita de livros novos e em bom estado (“Não aceitamos lixo”, avisa o poeta). Em agosto do ano passado, 800 volumes foram oferecidos à comunidade durante a “Chuva de Livros”. A iniciativa teve

“Costumo dizer que a Clarice Lispector tem de tirar o sapato para entrar no sarau.”

Fotos: Divulgação



uma repercussão tão positiva que, meses depois, um novo encontro, o “Natal com Livros”, presenteou mais 10 mil leitores. “Se você der livros, as pessoas não vão poder dar a desculpa de que não leem porque nunca tiveram oportunidade ou condições financeiras”, explica Sérgio Vaz.

Avesso a editais (“Não sei escrever isso, não conseguiria descrever nossas atividades num formulário de 100

páginas”), o agitador cultural dá algumas dicas para quem pretende criar ou já mantém um projeto de formação de leitores. A primeira, e mais importante, é ouvir o público. “Muitos se preocupam com números e estatísticas e simplesmente se esquecem de perguntar quem são as pessoas que procuram o evento, de onde vieram, do que gostam. Se eu vejo um moleque 'vida loka' interessado por leitura, não vou dar um Ma-

chado para ele. Vou dar algo na linha do *As cegas* [do ex-presidiário Luiz Alberto Mendes], por exemplo”, afirma.

Dessacralizar a literatura também é fundamental. “Costumo dizer que a Clarice Lispector tem de tirar o sapato para entrar no sarau. Que o Neruda tem de comer com a mão para participar do evento. É preciso que todos desçam do pedestal”, diz. Por fim, Vaz ensina que “Não basta só fincar a bandeira. Tem de fincar e deixar tremulando”.

Mas como é possível mensurar o êxito ou a eficiência de uma iniciativa como o Sarau da Cooperifa? Para o poeta, a resposta está na autoestima da comunidade. “Todo dia chega alguém que participa do projeto me contando que voltou a estudar, entrou numa faculdade, concluiu um TCC, escreveu um livro, etc. Isso é muita coisa para um lugar que já foi considerado o mais violento do mundo. Esse é o segredo do nosso sucesso: lemos livros e pessoas”, afirma. ■

O MUNDO DE UM HOMEM SÓ

Onde está o João? Saiu e volta daqui a pouco. O jornal. Lê que ataram fogo em dez ônibus. Atravessa a rua e entra em uma padaria com o jornal aberto na face. Joaquim, o de sempre. Quem é o Joaquim? Ora, ele trabalha aqui há tempo. Sou novo... o que deseja? Café curto, pão na chapa. Atentado fere mil e mata cem. Terremoto divide a Terra e lança a metade da população para um abismo sem fim. Aqui estão o café e o pão. Fecha o jornal e não encontra Alice, a caixa. Foi ao banheiro — diz uma menina, de uns quinze anos que, pela compleição, é escarrada a Alice na juventude. Toma a calçada na direção do ponto de táxi. Conhece aquela região como ninguém. As pichações quais mensagens rupestres para o futuro, as árvores desde que as plantaram, as pessoas e suas histórias. Tenta abrir a porta do táxi. Ei, Juvenal, não quer me deixar entrar? O motorista vira-se. Juvenal tirou o dia de folga e pediu para substituí-lo. Ele está bem? Dor boba de cabeça. Por favor, leve-me ao Banco. Espere-me. Aquele Banco. Conhecia funcionário por funcionário. Dirigiu-se à gerente. Alcione... sei, foi ao banheiro? A moça sorriu. Não, senhor, ela está em reunião. Quem é você? Sou a nova gerente. Demorará? Possivelmente sim. Passamos por uma reestruturação e temo que a Alcione não possa atendê-lo. Sem o que fazer deixou o Banco e mais indignado ficou ao ver que o taxista partira. Todavia, em cinco minutos apanha o metrô e em meia

hora está no seu escritório na faculdade. Olha o esquema do *Large Hadron Collider*. Toma o telefone e liga à secretária. Angelina, contate o Jean-Luc. Professor, a Angelina levou o filho ao médico; o senhor poderia me passar o número do telefone do... De fato, professor, sou a nova estagiária. Rabiscou um corolário sobre o bóson de Higgs para confirmar o modelo padrão de novas partículas elementares. Partícula de Deus!? Foi inevitável a comparação entre a ficção e a realidade em que se pretende recriar um ambiente parecido com as condições existentes instantes após o Big Bang. O castelo do início do séc. XIX edificado sobre o cume de uma montanha para Victor Frankenstein desafiar Deus. No início do séc. XXI outro castelo, submerso a cem metros na fronteira entre a França e a Suíça, construído para, agora, desafiar Satã. E quanto ao novo monstro de Frankenstein?, pergunta-se. Ignorou a estagiária, ligou para Jean-Luc e não o localizou. Passou o restante do dia imerso em cálculos. Retornou para o apartamento no anoitecer. Na entrada do edifício percebeu que José, o porteiro, não estava; em seu lugar, um terceirizado. Alimentou-se com frutas no jantar e foi para a cama, ignorando as últimas do *Jornal Oficial*. Cansado, desabou e acordou sem noção do que sonhara ou em que mundo estivera. Levantou e quase não se reconheceu diante do espelho. Sentia-se, certa forma, envelhecido. Nunca se testemunhara dessa maneira

ou jamais se importara. Passou a mão pela face e a teve, como o resto do corpo, flácida. Retomou a rotina, porém na saída do edifício não estavam José nem o porteiro terceirizado, entretanto outra pessoa para a qual desejou bom dia. Na banca do João não o encontrou, da mesma maneira não viu aquele que lhe vendera o jornal no dia anterior. Atravessou a rua e na padaria sequer estavam o Joaquim e o sujeito que o servira pão tostado, a Alice e a menina com a cara de Alice. Não tomou café e saiu... defrontou-se com as mesmas pichações. Sentiu-se aliviado e caminhou ao ponto de táxi, mas lá não estavam nem o Juvenal nem o taxista que deveria apanhá-lo na porta do Banco e no Banco não soube de Alcione e da nova gerente, ambas transferidas sem explicação, bem como não teve explicação ao chegar na faculdade e não ter notícia de Angelina e da estagiária que a substituíra. Contudo, as anotações sobre a partícula de Deus permaneciam sobre a mesa de trabalho. Assim foram os dias. As coisas continuavam exatamente no lugar em que estavam. A cidade funcionava como de costume, exceto as pessoas conhecidas que, por algum motivo e o mais banal, ele não as via. Ninguém morrera. Por mero acaso não as encontrava, simplesmente. E com o tempo, as que passara a conhecer, no momento seguinte eram lembranças, inclusive os amores pagos, pois não conseguia repeti-los com aquelas que lhe haviam prestado favores. Será que o tal *Large Hadron Collider* destruiu tudo? É possível que, finalmente, Satã tenha triunfado e o mundo virado do avesso? Como?, se a corrupção é a mesma. Sem contar que o campeonato corre naturalmente e as flores exalam os seus odores. Continuava com a conta no Banco e dívidas enviadas para o seu endereço. Decidiu visitar a cidade em que nascera para, quem sabe, encontrar alguma face conhecida. Foi à rodoviária. Comprou uma revista que, por ser final

de ano, apresentava uma retrospectiva: o apagão generalizado no país, a família morta após cair do oitavo andar, suicídio do romancista estreante, o ataque fortuito de um médico contra pacientes. Durante a viagem trouxe à tona reminiscências da infância na qual idealizava o futuro e quando este apareceu, foi tomado de espanto, encantamento, aprendizado e desilusão. Um vazio o envolveu e, ao tempo de uma lágrima furtiva brotar-lhe, procurou recompor-se diante de imagens escondidas nos recônditos da memória, de onde nasce a incessante busca de um lugar confortável para a alma. Procurou reconstruir-se ao saber que ninguém que ele conhecia, não mais ali residia. Percorreu as ruas da meninice, a escola em que estudara e a casa em que nascera. Imaginara-a imensa, contudo a saudade a fez maior do que realmente era. Andou pela vila em câmara lenta. Olhou a face das pessoas e buscou detalhes que poderiam trazer alguma identificação. Detalhes importantes, contudo para os outros, pois a ele restava o vazio de quem se busca preencher. Estava só, terrivelmente só. Não ficou mais do que um dia e, em vez de voltar à metrópole, decidiu-se pelo litoral. Teve-se como o senhor absoluto do universo diante da imensidão do mar e do céu que se acasalavam no horizonte. A vastidão era dele, enquanto nas suas costas a vida corria ordinária, revelando-lhe o mundo de um homem só. Depois de vagar anos a fio, transformando-se em andarilho, vestindo as mortalhas da memória para encontrar sentido na solidão dos anjos, retornou à cidade natal. Seguiu ao cemitério. Passeou entre túmulos, tocando-os como fossem teclas. O cemitério é o piano de Deus — pensou. Fechou as pálpebras. Não ouviu o som do passado. O réquiem substituiu a sinfonia da existência regada pela indiferença e pelo descarte. Restavam-lhe ossadas e as almas dos velhos perambulando pela lembrança, recolhendo, de cócoras, gravetos de saudade. ■

A FACE DE DANTE

Ilustração: **Cecília** Fumaneri

Não posso impedir que anoiteça e que a noite de hoje amanheça, contudo tenho mãos que amordaçam e dedos que cegam. E, dessa maneira, percorro sendas nebulosas. Ouço lamúrias e não as distingo. São pesares desconexos, dos quais diviso *deixe aqui toda a esperança*. Que esperança é essa? — pergunto. Esbarram-me em silêncio. Vagam simplesmente, trombandando-se em movimento aleatório que descreve um abismo no qual mergulho. Sou lançado de lado a outro. Sou enlaçado por membros despedaçados que me trazem o gozo, que me lançam ao cérebro uma correnteza de porra. Não tenho sangue nas veias; tenho porra. O que penso e a que me guio é para satisfazer este apetite furioso. Posso sentir nádegas roçarem-me o peito e vulvas envolverem-me a boca. Tanta porra que me faz escorregar e afundar-me mais. Uma chuva fina lava-me. Chuva fria e impura a trazer-me esta fome incomensurável. Brotam sombras da lama e alimento-me de seus lamentos, potencializando a gula. Urram, ao passo que me delicio com carne humana, para nela adentrar-me. Como ousa? — ouço. Tateio vísceras e descubro ouro. Manuseio artérias e o que encontro? A riqueza aprisionada em um corpo que definha? Riqueza que faz o pulmão engessar para economizar o ar enquanto expila. Avareza prodigiosa em defecar muito mais do que retém e em merda sou expulso do próprio corpo. Revolvo-me em tanto excremento. Revolto por eu ser o elemento básico desse excremento. Eu, que tinha toda a atenção do mundo, sou repellido e então me percebo aos gritos *cheguei ao fim como bosta e não como gente! Em vez da boceta, fui parido pelo cu?* Herege! — escuto. —



Marco Aurélio Cremasco nasceu em Guaraci (PR). Publicou os livros de poemas *Vampisales* (1984), *Viola caipira* (1995), *A Criação* (1997 – Prêmio Xerox/ Livro Aberto), *from Indiana* (2000), *As coisas de João Flores* (2014). Também é autor do livro de contos *Histórias prováveis* (2007) e do romance *Santo Reis da Luz Divina* (Prêmio Sesc de Literatura 2003 e finalista do Jabuti 2005). Em 2010 foi contemplado com a *Bolsa Funarte de Criação Literária* para a escrita do romance *Evangelho do Guayrá*. Vive em Campinas (SP).

Quem imagina ser? Nasce feto e morre merda. Não interessa o que construiu ou que festa deu. Quantos não comeram em sua mesa e brindaram a deuses fugazes? Comeu e cagou. É esgoto de si próprio. Odor fétido envolve-me e a voz soturna aporrinha *olhe profundo e escolha qual das portas enveredar-se-á*. A mesóclise pedante incomoda mais do que a carníçã, pois é cuspidã por um espírito empedernido de um escroto, que me aguarda na primeira porta e aponta uma arma na minha direção para, a seguir, engatilhã-la contra a própria bunda. Ignoro-o e elejo a segunda porta. Rodopio em dez valas para encontrar, seguidamente, parasitas, puxadores de saco, enganadores, embusteiros, corruptos, hipócritas, ladrões, interesseiros, desagregadores, falsários. A cada vala atravessada, atravessa-me um cheiro insuportável, entretanto em vez de eu perder os sentidos, mais me aguçam e fazem-me compreender que os abismos em que caí e as valas em que enveredei foram cidades onde morei, bicos que visitei, restaurantes em que comi e botecos em que me piquei, lojas em que comprei, bancos de onde emprestei, delegacias em que adormeci, cortes em que fui julgado (ora absolvido ora condenado), templos em que ajoelhei, acreditei e blasfemei, a casa de poder do qual fiz parte, pois também fui vereador, prefeito, deputado, governador e sei muito, exceto sobre esta sala sem ventilação e monocolor. Avisto apenas um trono e quanto mais dele me aproximo tanto mais um ser venal se avoluma. Não é difícil ver que se trata do traidor-mor, daquele que renegou a todos, incluindo pai, mãe, filhos, mulher, amante, princípios, crenças e a si mesmo. É a imagem da podridão refletida no espelho.■



CLIQUEES

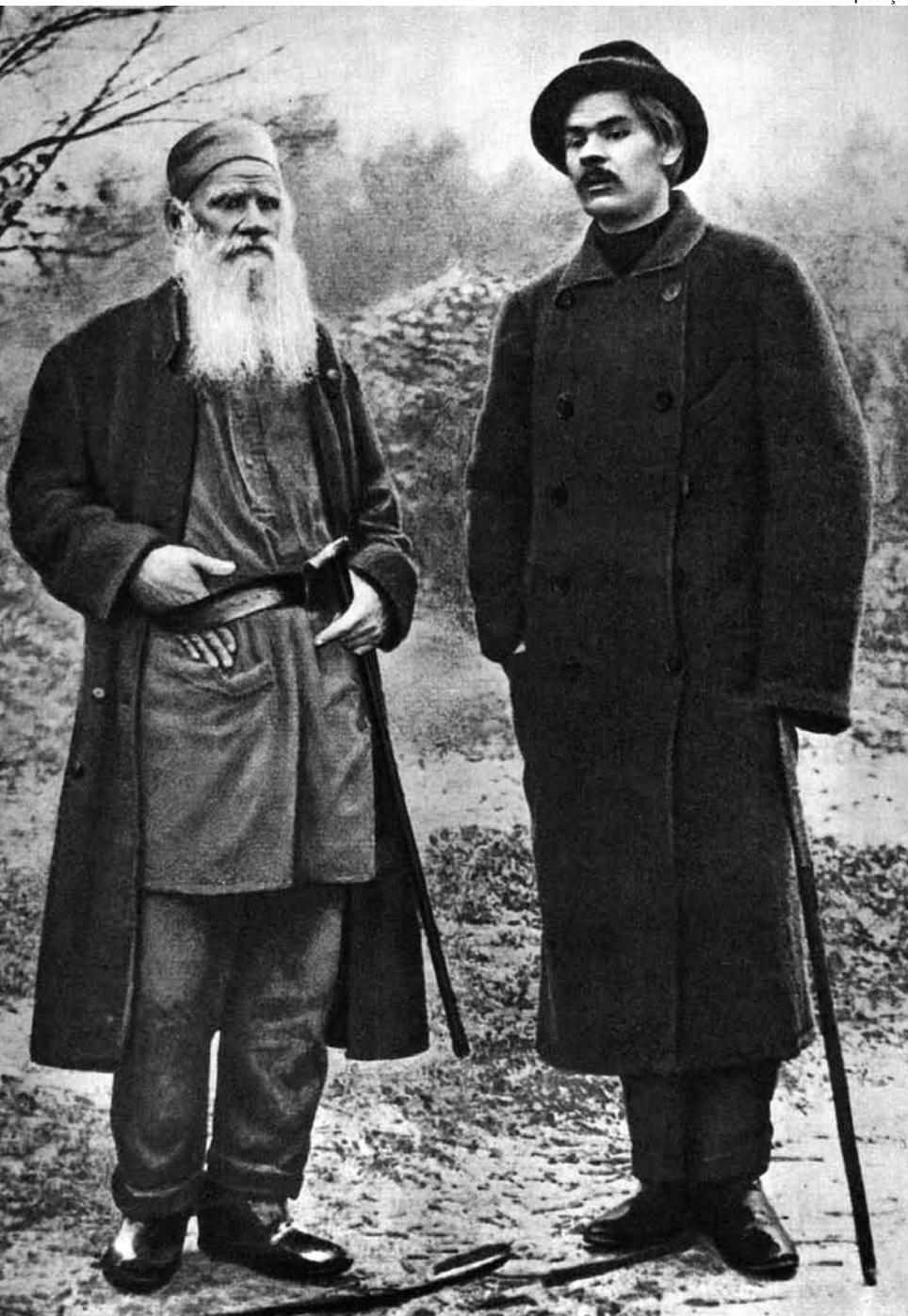
EM CURITIBA



O consagrado fotógrafo curitibano **João Urban** apresenta a série “Paisagens Noturnas”. As imagens revelam a noite curitibana e seus personagens. Urban nasceu em Curitiba, em 1943, e começou a fotografar profissionalmente na década de 1960, dividindo-se entre a publicidade e a fotografia documental de caráter autoral. Urban é autor dos livros *Bóias-frias*, *Tropeiros* e *Tu i Tam: Memórias da imigração polonesa*.

A Ilíada de Tolstói

Reprodução



Tolstói recebe a visita de Máximo Gorki em Iasnaia Poliana, em 1900.

Sem precedentes na história literária mundial, *Guerra e paz* é um vasto painel social e político da Europa no século XIX, mas também a grande realização de um escritor obcecado por sua obra

LUIZ REBINSKI JUNIOR

Em se tratando de Leon Tolstói, tudo parece ser superlativo. E isso vai muito além da extensão dos romances que o autor russo escreveu ao longo de seus 82 anos e inclui, claro, seu mais célebre livro, *Guerra e paz*, que discute uma gama imensa de assuntos, não apenas relacionados à Rússia do século XIX, mas de grande parte da Europa. É uma obra monumental em todos os aspectos, inclusive no que se refere ao seu percurso editorial.

A grosso modo, o livro trata do confronto das forças dos czar russo Alexandre I com os exércitos napoleônicos em um período que vai, aproximadamente, de 1805 a 1820. Para além das batalhas, Tolstói apresenta um amplo painel da vida russa do início do século XIX, construído a partir de uma galeria imensa de personagens, de todas as classes sociais. Além disso, ao tratar de fatos históricos, o autor inevitavelmente constrói sua ficção baseado em figuras públicas de seu tempo, com especial destaque

para Napoleão Bonaparte, a personalidade mais controversa da época.

Quando começou a escrever *Guerra e paz*, Tolstói já era um escritor conhecido e homem maduro. Havia entrado nos cursos de direito e letras orientais na Universidade de Kazan, servido na guarnição do Cáucaso — onde escreveu o livro *Infância* —, além de ter participado da Guerra da Crimeia.

Publicado inicialmente em fascículos na revista *Mensageiro Russo*, *Guerra e paz* primeiramente se chamou *1805*, em uma referência ao período em que se inicia a narrativa. “Mas o livro se tornou muito mais abrangente do que o autor havia previsto e o título *1805* se revelou inevitavelmente redutor”, diz Rubens Figueiredo, tradutor da mais recente edição brasileira do romance, com 2500 páginas distribuídas em dois volumes. O título que ficaria mundialmente famoso teria sido inspirado em um livro do anarquista francês Pierre Proudhon, *La guerre et la pax*.

Persuadido pela mulher Sofia, Tolstói resolveu interromper a publicação em forma de folhetim na revista mensal e a começar a publicá-lo, volume por volume, em formato de livro. “Além do mais, diferentemente de outros textos de autores russos igualmente publicados em forma de folhetim, *Guerra e paz* não se adaptava bem a uma publicação em série. Seu alcance era muito grandioso. Não havia nenhum ‘gancho’ no fim de cada fascículo que induzisse o leitor a comprar o próximo número para ver como as coisas se desenvolviam”, escreve William L. Shirer em *Amor e ódio*, que narra a relação entre Tolstói e a mulher Sofia.

COPIDESQUE

A mulher de Tolstói também teria um papel fundamental em tarefas mais prosaicas, como passar a limpo o que o marido produzia diariamente. Ao que tudo indica, ninguém mais em Iasnaia Poliana, a propriedade rural onde o escritor se isolou para escrever sua obra, conseguia decifrar a caligrafia de Tolstói.



Sobre seu livro mais célebre, *Guerra e paz*, Tolstói disse: “não é nem um romance, nem um poema, nem sequer uma crônica histórica.”

Segundo o biógrafo William L. Shirer, Sofia havia copiado o romance sete vezes.

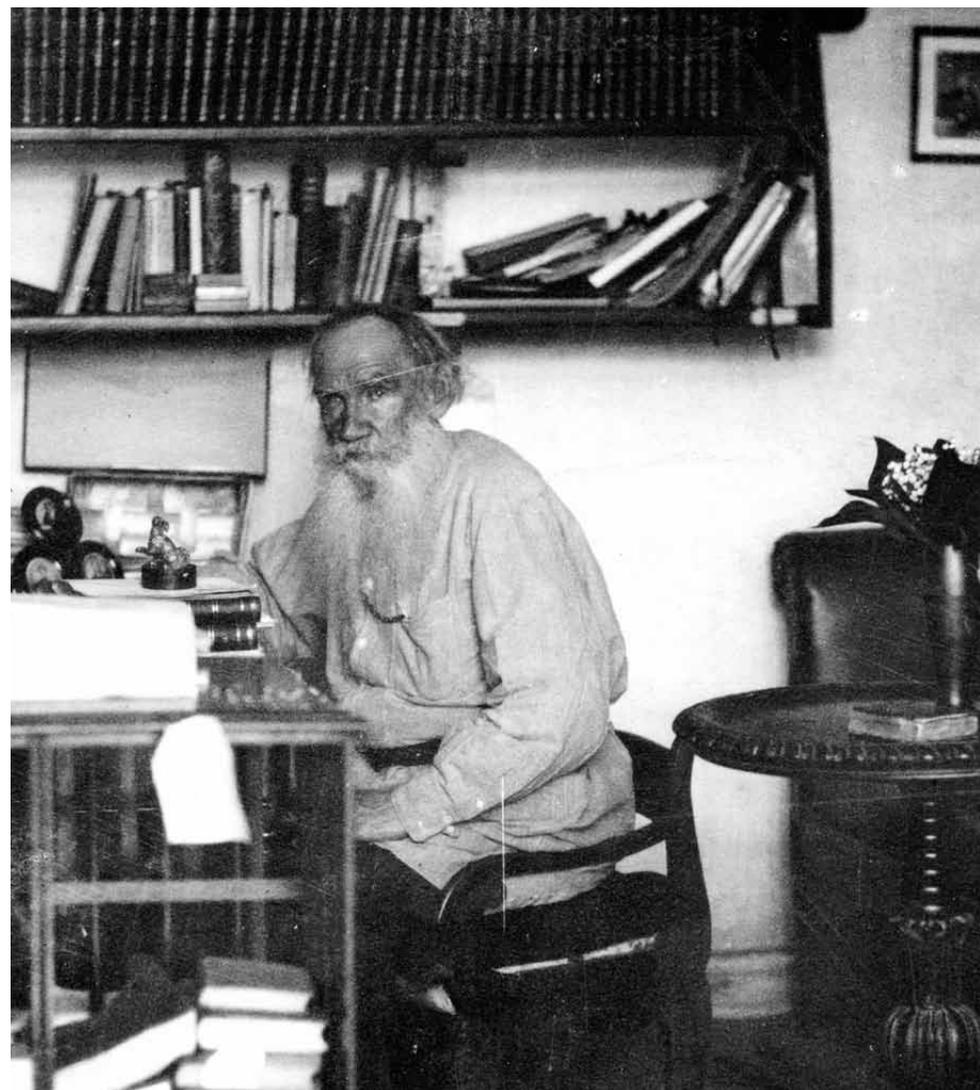
O tamanho da obra também representou um problema para o editor de Tolstói, P.I. Barteniev. “Só Deus sabe o que o senhor está fazendo”, escreveu o editor. “Se continuar assim, vamos recompor e corrigir eternamente. Qualquer um pode lhe dizer que metade das mudanças que o senhor faz são desnecessárias. No entanto elas causam uma diferença apreciável nos custos da composição tipográfica. Eu pedi ao tipógrafo que lhe mande uma conta separada, só das correções. Pelo amor de Deus, pare de rabiscar.”

Escrito ao longo de cinco anos, a partir de 1865, *Guerra e paz* foi lançado em 1869, em seis volumes. O próprio Tolstói adiantou 4.500 rublos ao tipógrafo. Como se revelaria mais tarde, a primeira edição do livro, cujos seis volumes eram vendidos por oito rublos, traria ao autor uma pequena fortuna.

TORNANDO-SE UM CLÁSSICO

A repercussão do livro foi imediata. A literatura russa do século XIX estava entranhada na sociedade e os livros eram recebidos sempre com muita polêmica. “Os leitores pertenciam sobretudo à classe alta. Mas naquela altura a sociedade russa se transformava de maneira rápida e profunda. Uma camada numerosa da população, oriunda de famílias de comerciantes e de funcionários de baixo e médio escalão, começava a ter acesso à educação”, diz Figueiredo.

Diferente do padrão “europeu” de romance da época, *Guerra e paz*, mesclava relatos da história recente da Rússia a uma base ficcional bastante engenhosa, que dava conta de centenas de personagens. A própria mulher de Tolstói antevia que o trabalho do marido continha grande singularidade. “Em minha opinião, o romance [*Guerra e paz*] será algo extremamente fora do usual”, escreve



O autor de *Guerra e paz* em seu ambiente de trabalho.

Sofia à irmã em 1867, enquanto corrigia os originais do marido.

O próprio Tolstói se negava a qualificar o livro, dizendo que não se tratava “nem de um romance, nem de poema, nem sequer de crônica histórica”. E comparou, sem falsa modéstia, seu trabalho à *Iliada*, de Homero.

Apesar da questão política da época estar presente ao longo de todo o romance, *Guerra e paz* representa um grande painel realista de seu tempo, com todas as classes da sociedade retratadas. Dos generais que foram ou não à guerra, à imensa classe de mujiques e servos, que representavam a camada mais baixa do sistema russo. Permeado de citações em francês, o idioma preferido da

elite para falar sobre política, o romance mostra a ambiguidade de uma nação, acoçada pela presença de um inimigo que ao mesmo tempo é tão influente em sua cultura.

Figueiredo, no entanto, alerta que não se pode supor que esse uso insistente do idioma francês e as referências à sociedade inglesa e alemã atestem uma admiração de Tolstói pelo suposto avanço representado por tais sociedades. “Bem ao contrário. E basta ver o polêmico epílogo do romance para comprová-lo. Trata-se, isto sim, de questionar o pressuposto de superioridade daqueles países, incutido tanto nos observadores externos como nos russos, em especial os da elite.” ■

O personagem em tempos de fragmentação

Diferentemente do que acontecia na literatura até o século XIX, onde havia espaço para heróis e ações grandiosas, atualmente, devido a “configurações contemporâneas da subjetividade”, os personagens aparecem rarefeitos e até mesmo anônimos

MARCIO RENATO DOS SANTOS

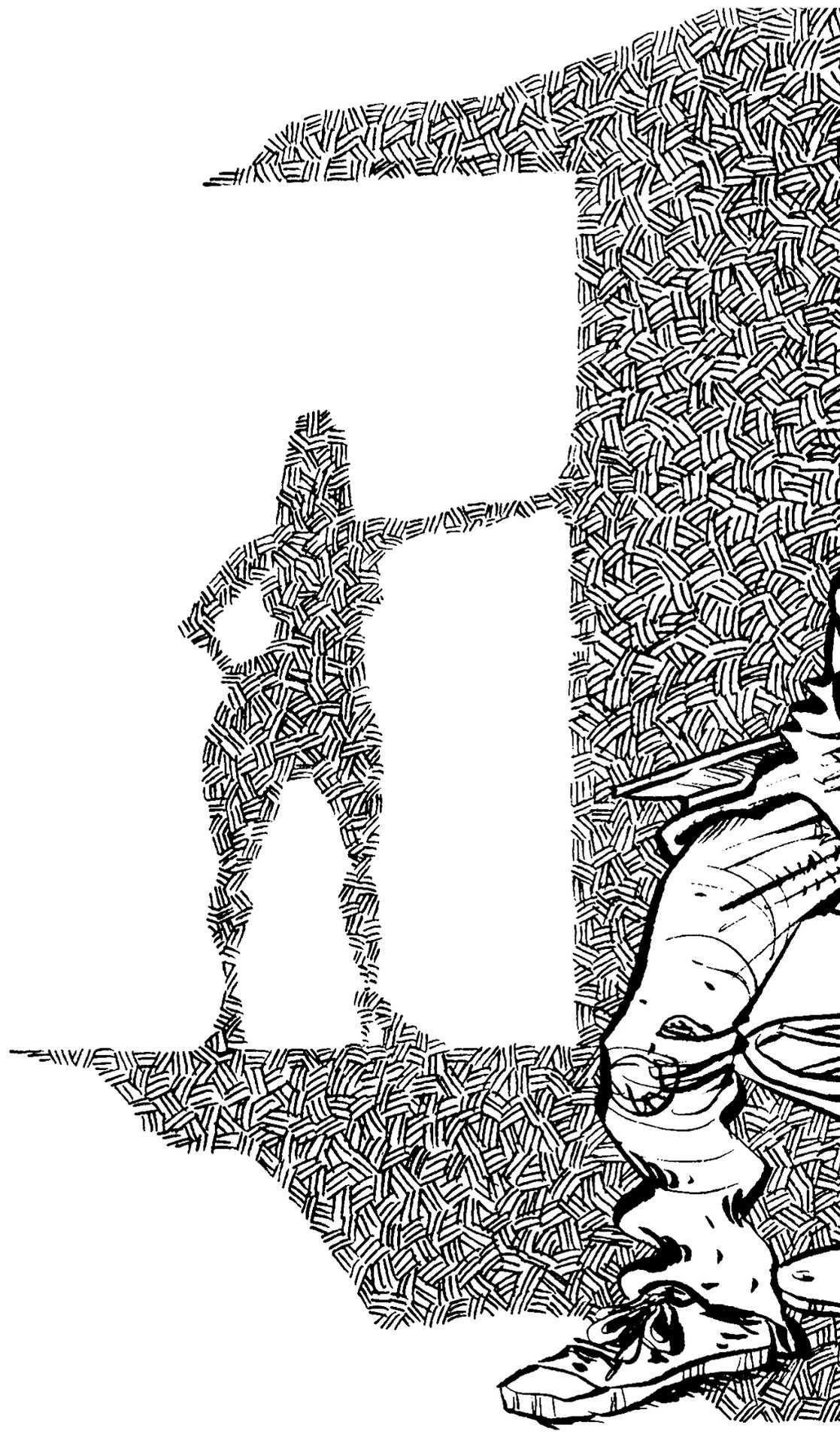




Ilustração: **Simon Taylor**

O leitor pode até não ter lido *Dom Quixote*, de Miguel de Cervantes, mas tem alguma ideia de quem é o Cavaleiro da Triste Figura, da mesma maneira que não poucos interessados em literatura sabem, mesmo sem a experiência da leitura da obra, da existência de Capitu, personagem do romance *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, e do Conselheiro Acácio, criado por Eça de Queiroz.

Quixote, Capitu e Conselheiro Acácio são figuras fortes e complexas que estão presentes no imaginário cultural ao lado de outros personagens conhecidos, entre os quais o Bartleby, Godot, Hamlet, Leopold Bloom, Macunaíma, Nelsinho e Tom Sawyer (ver mais entre as páginas 28 e 37).

E no contexto recente? Que personagens contemporâneos podem figurar ao lado de Quixote, Capitu e Conselheiro Acácio?

A professora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) Ana Cláudia Viegas afirma que a ausência de personagens mais delineados ou a rarefação dessas figuras nos textos atuais diz respeito a um sintoma

das “configurações contemporâneas da subjetividade”. E ela não está sozinha nessa percepção.

Mirhiane Mendes de Abreu, mestre e doutora em Letras pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), e professora na Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), observa que, antes de começar qualquer discussão sobre a literatura contemporânea, é fundamental abandonar certos paradigmas, entre eles, a ideia de “fortes personagens”.

“Nós assistimos hoje a um excesso da narrativa experimental e, ao lado dela, uma maneira diferente de experimentar o tempo e as vivências. Por essa razão, a maneira como homens e mulheres experimentam o mundo não se dá de forma linear e do modo de ‘grandes heróis’, como estávamos acostumados com a literatura enraizada no século XIX”, explica Mirhiane.

A professora da Unifesp acrescenta que, se no século XIX a literatura construía personagens representativos simbólicos do mundo, hoje não há nem representatividade, nem questionamento do princípio da representação

Gustave Doré/Reprodução



Criação de Miguel de Cervantes, Dom Quixote, acompanhado por Sancho Panza, é um personagem tão conhecido, que muitos leitores nunca leram, mas sabem de sua existência.

— daí a ausência de um personagem-chave. “Em síntese, não é possível falar em ‘grandes personagens’ na literatura contemporânea porque esta não é a proposta do nosso tempo. Há escritores que ficcionalizam a si próprios e outros que constroem novos horizontes de discussão, como a cidade. O fato é que não há, como característica, uma literatura de construção psicológica densa. E isso é possível, tanto que é isso que estamos constatando. Não estamos aqui discutindo se essa ausência é boa ou ruim, mas constatando o fato de que uma expressão identitária não é o foco, por exemplo, da literatura brasileira hoje em dia”, analisa a estudiosa.

OBRA E ADJETIVAÇÃO

Diante da ausência de personagens fortes na literatura contemporânea, surge uma questão: é possível haver literatura de qualidade sem personagens fortes e complexos? O professor da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-Minas) Audemaro Taranto diz que não. “É possível fazer literatura sem personagens fortes, mas é preciso reparar que, neste caso, trata-se de má literatura”, afirma Taranto, completando que um personagem não é uma entidade que existe sozinha, mas inteiramente vinculada à uma obra: “Quando o leitor se lembra de um personagem ele se lembra também da trama em que transita.”

O professor do programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) Anco Tenório Vieira acrescenta que personagens marcantes da literatura são aqueles que terminaram por se transformar em

adjetivos. “Daí porque nos referimos a uma dada personagem como quixotesca, macunaímica e acaciana [em alusão, respectivamente, aos personagens Dom Quixote, Macunaíma e Conselheiro Acácio]. Algumas vezes é o espírito da obra de um dado autor que se torna adjetivo: é o caso de batizarmos uma dada situação como dantesca, machadiana, proustiana ou kafkiana [em referência à obra dos autores Dante Alighieri, Machado de Assis, Marcel Proust e Franz Kafka]”, afirma Vieira.

O especialista da UFPE diz não se lembrar de nenhuma obra, seja ela brasileira ou estrangeira, nem de nenhuma personagem que tenha se inscrito no nosso imaginário nos últimos 20 ou 30 anos, e que tenha deixado de ser apenas e somente um personagem literário para ter se transformado em um adjetivo, em um traço de caráter que defina uma pessoa ou um certo fenômeno, da natureza ou humano. “Sempre é bom considerar que a distância temporal também é um fator importante para a sedimentação desses nomes no imaginário popular”, pondera Ana Cláudia Viegas, professora da UERJ.

CONDIÇÃO CONTEMPORÂNEA

O escritor Luiz Antonio de Assis Brasil tem convicção de que hoje, período no qual há, sem exagero, uma enxurrada de obras publicadas diariamente, existem personagens consistentes. “*Nesse mare magnum* literário contemporâneo há, mundialmente, centenas de obras-primas em circulação, e milhares de personagens tão inesquecíveis como D. Quixote, mas que nunca

chegarão a atingir a todo o público leitor. Um fenômeno de época, no qual, aliás, não vejo nenhum problema”, diz Assis Brasil, idealizador de uma Oficina de Criação Literária que funciona há mais de duas décadas na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).

O fato de muitos personagens criados por autores contemporâneos, brasileiros e de outros países, serem, por exemplo, praticamente anônimos não é

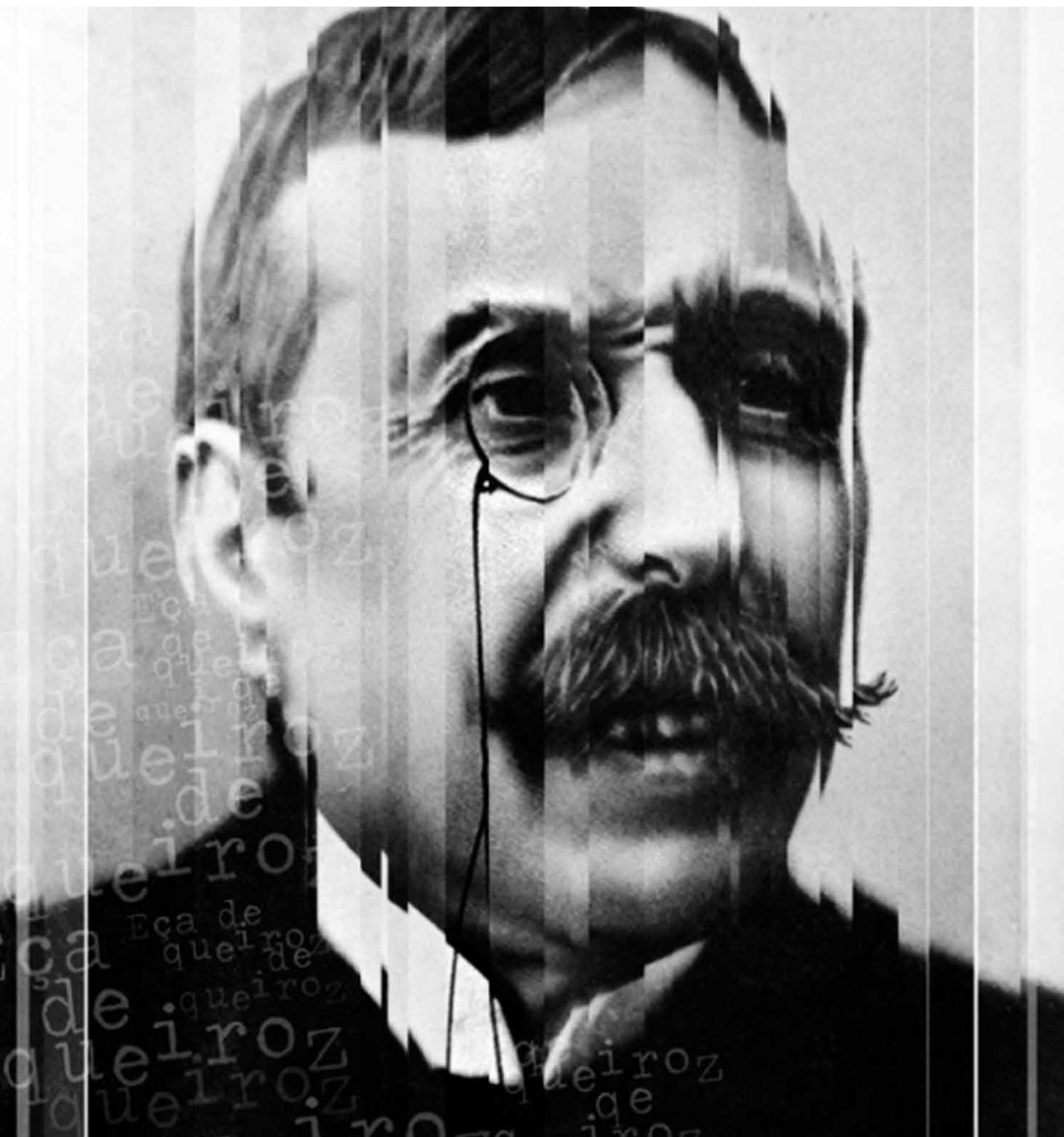
“*Nesse mare magnum* literário contemporâneo há, mundialmente, centenas de obras-primas em circulação, e milhares de personagens tão inesquecíveis como D. Quixote”

Luiz Antonio de Assis Brasil, escritor.



Machado de Assis inventou personagens complexas e densas, como Capitu – onipresente no imaginário cultural brasileiro.

Reprodução



Um dos personagens mais bem construídos da literatura universal é o Conselheiro Acácio, que aparece no romance *O primo Basílio*, de Eça de Queiroz. Basílio se tornou sinônimo de lugar-comum, do sujeito que não fala, mas repete frases feitas. Foi inspirado em homens públicos portugueses do fim do século XIX. O adjetivo acaciano é usado para se referir a figuras que falam, falam, e não dizem nada.

um problema, pelo menos na interpretação do gaúcho Assis Brasil: “Grande parte das personagens não são nominadas, diferentemente do que acontecia antes. Veja o exemplo de Tolstói, que dava nome até ao cocheiro que aparecia uma única vez. Mas para além disso, a inominação, as personagens executam ações aparentemente triviais: é o gari que varre a rua, o motoboy numa fila de banco, é a professora que vara madrugadas corrigindo provas, é o soldado que tira guarda ao sol. Enfim, não há ações ‘grandiosas’, ao estilo antigo; se as houvesse, o leitor desconfiaria.”

Anco Tenório Vieira, professor da UFPE, acompanha a produção contemporânea e percebe que, por exemplo, os romances são — tecnicamente — muito bem escritos. “Mas, ao fim e ao cabo, quando lemos e fechamos a sua última página, ficamos com uma sensação de vazio. Parece que fomos do nada a lugar nenhum”, afirma. Vieira tem a impressão de que os prosadores contemporâneos dominam a linguagem literária, mas, ao mesmo tempo, eles não realizam reflexões verticalizantes sobre o nosso tempo. “Assim, os escritores atuais têm pouco ou nada a dizer, ou revelar, sobre o nosso tempo”, diz.

O estudioso da UFPE cita duas exceções brasileiras: os romances *O filho eterno*, de Cristovão Tezza, e *Relato de um certo Oriente*, de Milton Hatoum. A obra de Tezza merece atenção, explica Vieira, por que mostra a luta de um pai em aceitar o filho que, ao nascer, contraria todas as suas expectativas e projeções. Já o livro de Hatoum, no entendimento do especialista, se destaca por problematizar a nossa condição contemporânea:

que é a de sermos uns desterritorializados. “Apesar de serem dois temas aparentemente recorrentes em nossa literatura contemporânea, ambos autores nos surpreendem pelas reflexões e pela verticalidade psicológica com que constroem os seus romances e os seus personagens”, argumenta Vieira.

MULTIPLICIDADE DO HOJE

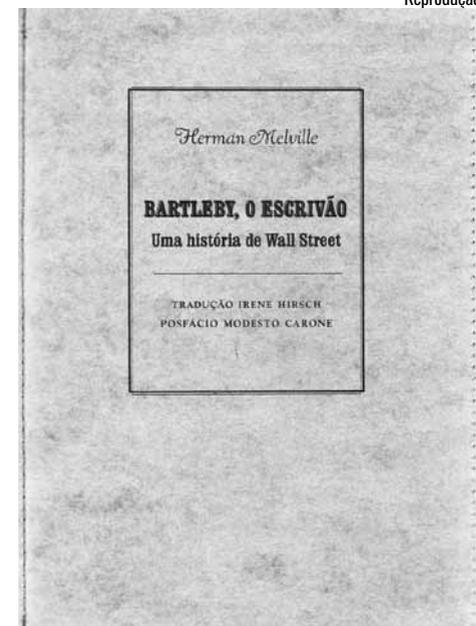
É a partir da linguagem, lembra o professor da UFPE, que é possível elaborar personagens psicologicamente fortes e complexos: “É por meio da forma irônica que a narrativa de *Dom Casmurro* revela psicologicamente o personagem de Bentinho. O permanente ruído entre o que é dito e a coisa que é objeto desse dizer revela um homem que tenta provar para si e para o seu leitor que ele foi traído e que a sua ex-amada mereceu o castigo que ele lhe impôs. Fora dessa linguagem tensionada e carregada de significados o que resta é apenas um títere e

não um personagem psicologicamente forte e complexo.”

Se é pela linguagem que a literatura e, por consequência, os personagens existem, Mirhiane Mendes de Abreu, da Unifesp, afirma que, no presente, o personagem é diferente, do que foi no passado — afinal, agora, é um tempo que se revela a partir de outras linguagens e experimentações. “Não quero advogar a favor do fim das personagens. O que gostaria de deixar salientado é que a compreensão da contemporaneidade passa pelo afastamento dos paradigmas tradicionais. Se não abriremos mão das formas tradicionais de narrativa, não entenderemos o que está ocorrendo hoje. Afinal, se são outros os padrões de pensamento, outras são as formas de narrar”, diz Mirhiane, que completa: “Se não invertermos a expectativa tradicional de representação, ficaremos sempre frustrados em face da multiplicidade do hoje.” ■

“É possível fazer literatura sem personagens fortes mas é preciso reparar que, neste caso, trata-se de má literatura”

Audemaro Taranto, professor da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-Minas).



Reprodução

Jorge Luís Borges dizia que *Bartleby, o escrivão*, de Melville, era uma das obras mais importantes para a humanidade. O narrador, um advogado, está à frente de um bem-sucedido negócio, no qual auxilia homens prósperos a lidar com hipotecas e títulos de propriedade. Ele, então, precisa de um novo escrivão e é assim que surge um dos personagens mais instigantes da literatura, o Bartleby. Esse personagem surpreende e conduz o leitor pelas páginas dessa narração inesquecível.

Fotos: Kraw Penas



O professor da UFPE Anco Tenório Vieira considera Milton Hatoum e Cristovão Tezza dois dos mais importantes autores contemporâneos. “Ambos escritores nos surpreendem pelas reflexões e pela verticalidade psicológica com que constroem os seus romances e os seus personagens”, diz Vieira.



Escolhas do tempo presente

O professor de Literatura Brasileira do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia (UFBA) **Gustavo Silveira Ribeiro** é um atento leitor da literatura contemporânea, e também dos livros que se tornaram referência e clássicos literários. Doutor em Literatura Comparada pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Ribeiro analisa, nesta entrevista concedida ao **Cândido**, a transformação pela qual os personagens passaram em tempos recentes.

MARCIO RENATO DOS SANTOS

É possível fazer literatura sem personagens fortes?

Sim, é possível fazer literatura, boa literatura, sem personagens que se possa qualificar como fortes e complexos. O sentido que damos hoje ao termo personagem está associado a uma caracterização vertical, de corte psicológico e moral bem delimitado, de indivíduos que, apresentados de modo minucioso, revelam densidade e autonomia. No entanto, nem sempre foi assim. Todo um enorme conjunto de textos da Antiguidade e do mundo medieval não podem ser compreendidos a partir dessa exigência. O significado originário, a referência etimológica do termo “personagem” nos ajuda a ver isso: *persona*, termo latino de onde deriva o vocábulo atual, guarda a memória da palavra grega para caracterizar, de modo convencional, as

expressões e os afetos dos atores. Logo, personagem nem sempre indicou um indivíduo único e irrepitível, mas uma função, um lugar convencional a ser ocupado por sujeitos que representassem, de modo sintético, pessoas de uma determinada classe ou condição social (como ocorre nas comédias da Antiguidade Clássica, por exemplo) ou personagens alegóricos, que figuram a própria condição humana (como o caso do próprio Dante Alighieri, protagonista da *Divina comédia*). Se pensarmos historicamente, veremos que a ênfase dada ao indivíduo (e aos personagens marcados como sujeitos únicos e em tudo diferentes dos demais) é um fato recente, datando do início da Era Moderna (séculos XV e XVI). Não gratuitamente, é nesse mesmo período que se consolidou como gênero fundamental o romance, forma literária que tomará como um

dos seus eixos a configuração narrativa da história de um indivíduo, de modo especial os conflitos que mantém com o corpo social e as normas coletivas, o mais das vezes marcadas pela coerção e pelo adestramento do “eu” individual. Nesse sentido, em textos como *Dom Quixote*, de Miguel de Cervantes Saavedra, ou nas tragédias de Shakespeare, assistimos como que o nascimento, ou a invenção, do indivíduo moderno, transfigurado em matéria literária nova. No tocante ao passado, uma última observação: quando se fala em personagens “fortes e complexos”, há uma referência implícita à construção psicológica, feita em camadas e visando o adensamento dos caracteres. Esse modo de construir um personagem, no entanto, só vai surgir com a força que conhecemos hoje em textos do século XIX, nos quais a nova ciência, a psicologia, oferecia o modelo e alguns dos instrumentos com que explorar a vida íntima de um indivíduo — elemento que se destaca quando observamos romances como *Madame Bovary* (1857), de Gustave Flaubert, *Crime e castigo* (1866), de Fiódor Dostoiévski ou *Dom Casmurro* (1899), de Machado de Assis. No panorama das últimas décadas, são muitos os casos de grandes textos que não contam com personagens bem delimitados, facilmente reconhecíveis pelo leitor. Textos experimentais como *Água viva* (1973), de Clarice Lispector, tem como centro a própria linguagem e sua capacidade de auto-reflexividade. Em outro extremo, num romance como *A vida modo de usar* (1978), do francês Georges Perec, o inumerável dos personagens e das situações narrativas esvazia uma caracterização de profundidade, fazendo com que noções como força e complexidade sejam mais apropriadas para pensar a estrutura do texto em si (feito de narrativas que se cruzam e se sobrepõem) do que a constituição de seus personagens.

Capitu de Machado de Assis, Conselheiro Acácio de Eça de Queiroz, Luis da Silva e Baleia de Graciliano Ramos, e Quixote de Cervantes são, entre tantos, personagens fortes, que o leitor conhece, às vezes até sem ler. São personagens que fazem parte do nosso imaginário. Na literatura contemporânea, brasileira e mundial, há personagens fortes? Caso sim, poderia citar cinco deles?

Sim, há personagens marcantes nesse vasto território que chamamos, de modo às vezes impróprio, literatura contemporânea. Tanto no Brasil quanto em outros países ou tradições literárias. Nenhum deles, no entanto, desfruta do caráter quase mítico que algumas das criações citadas têm, e isso, entre outras coisas, por um motivo específico: a consagração que torna personagens da literatura parte do imaginário de uma sociedade ou cultura se produz ao longo de décadas de recepção crítica e leitura contínua, o que, por razões mais que evidentes, personagens de textos literários publicados nos últimos 20 anos (fixemos assim) ainda não têm. De qualquer modo, e para ficar apenas com os mais conhecidos, lembramos de: a) Arturo Belano, narrador ou protagonista de muitos dos romances do chileno Roberto Bolaño — *Estrela distante* (1997) e *Os detetives selvagens* (1998) para citar apenas dois; b) Jacques Austerlitz, figura central do romance *Austerlitz* (2001) do alemão W. G. Sebald; Elizabeth Costello, uma escritora, personagem central de vários romances do sul-africano J. M. Coetzee (o próprio *Elizabeth Costello* (2003) e *A vida dos animais* (1999), por exemplo); além dos brasileiros d) Zé Pequeno, do imenso *Cidade de Deus* (1997), de Paulo Lins, e e) Emilie, matriarca da família de imigrantes que é tema de *Relato de um certo Oriente* (1989), de Milton Hatoum.

O que faz um personagem bom ou mau? E o que coloca em xeque um personagem?

Os motivos que fazem de um personagem um bom, ou mau, personagem, são os mesmos, em tese, que fazem bom ou mau um determinado texto literário. Não é possível determinar, a não ser por critérios mercadológicos ou de *marketing*, que características específicas vão agradar aos leitores, como se tais características não derivassem, em última instância, da armação formal mais ampla de que sustenta o edifício literário em questão. Colocadas as coisas nesses termos, só poderíamos ressaltar que os critérios com que se lê, e valoriza, as obras literárias mudaram sistematicamente ao longo do tempo, variando de acordo com a própria concepção geral do que é o literário e a literatura para cada sociedade ou cultura. Enumerar supostas qualidades intrínsecas a um personagem (a defesa ou a recusa de certos valores morais, a sua natureza complexa ou profunda, os muitos detalhes ou a

concisão com que é apresentado, aspectos físicos ou a felicidade de um nome, etc.) ou a uma técnica literária específica com que construir caracteres resultaria num exercício inútil, uma vez que aquilo que se mostra decisivo para o “sucesso” de um dado personagem pode estar completamente ausente na constituição de um outro, igualmente bem recebido. Mais uma vez, um olhar lançado à história pode ajudar: a flutuação do interesse e da valorização de determinados personagens é fato notável, apontando para algo que é exterior a esses mesmos personagens. Os guerreiros das sagas reunidas nos romances de cavalaria, tidos em alta conta em outras épocas hoje são muito menos lembrados, por exemplo, do que Lady Macbeth e o Rei Lear, de Shakespeare, assim como os protagonistas dos muito populares folhetins ingleses do século XIX se apagam se comparados a Stephen Dedalus e Leopold Bloom, de James Joyce, protagonistas de *Ulisses*.

Foto: Kraw Penas



Um ponto alto da literatura contemporânea, de acordo com Gustavo Ribeiro, é a narrativa *Eles eram muitos cavalos*, de Luiz Ruffato, na qual o autor recria o anonimato e o esquecimento a que estão condenados os despossuídos.

Percebo personagens de quem não lembro o nome na literatura brasileira contemporânea, até na estrangeira. Isso é recorrente. O que esses personagens refletem? O ser humano cada vez mais anônimo em multidões urbanas?

A sensação de que muitos personagens da literatura contemporânea não portam marcas individuais muito salientes tende a ser, muito mais do que um defeito dos escritores, uma proposta estética e um escolha formal consciente. Considero desse modo o problema porque não creio ser interessante ou produtivo fazer qualquer condenação coletiva ou epocal a escritores que, entre si, são profundamente diferentes (basta pensar, por exemplo, na distância que separa Cristovão Tezza de Ferréz, no Brasil, ou Phillip Roth de Enrique Vila-Matas, no cenário internacional). Sendo assim, a explicação parcial que podemos oferecer ao problema se relaciona com a tentativa, por parte de um conjunto de escritores, de representar — pela constituição de personagens anônimos e sem referências sólidas — uma experiência histórica particular: a vida marcada pela anomia e pelo insulamento da vida nas grandes cidades, experiência que, deve-se ressaltar, não é nova e não foi, apenas agora, tornada problema literário. Desde pelo menos meados do século XIX a questão está posta, e textos como o conto “O homem das multidões”, de Edgar Allan Poe, ou alguns dos *Pequenos poemas em prosa*, de Charles Baudelaire, o ilustram de modo evidente. O que ocorre agora, entretanto, e faço aqui uma generalização de todo contraproducente, pode ser visto como uma exacerbção, um processo de radicalização na transformação dessa experiência histórica em forma literária específica. Se a atomização da vida urbana e a destruição dos laços comunitários tradicionais somente se acentuou no último século, atingindo níveis da vida ainda mais

Reprodução



O professor Gustavo Ribeiro, da UFBA, destaca, entre os personagens marcantes da literatura contemporânea, Zé Pequeno, do *Cidade de Deus* (1997), de Paulo Lins — interpretado por Leandro Firmino, no filme homônimo de Fernando Meirelles.

profundos e significativos, a figuração desse *ethos* também assumiu contornos ainda mais dramáticos, uma vez que a fragmentação narrativa, a presentificação absoluta do texto (que produz, assim, narrativas sem memória) e o questionamento de toda e qualquer noção de identidade ou pertencimento possibilitaram, e continuam a possibilitar, experimentos-limite como os romances de João Gilberto Noll (*Hotel Atlântico e Lorde*, por exemplo), verdadeiros texto-deriva em que os personagens, sem nome ou passado, vagam por países e paisagens esvaziados de sentido; ou ainda *Eles eram muitos cavalos*, no qual Luiz Ruffato procura recriar o anonimato e o olvido a que estão condenados os despossuídos de toda sorte. ■

Cândido seleciona dez personagens marcantes da literatura mundial

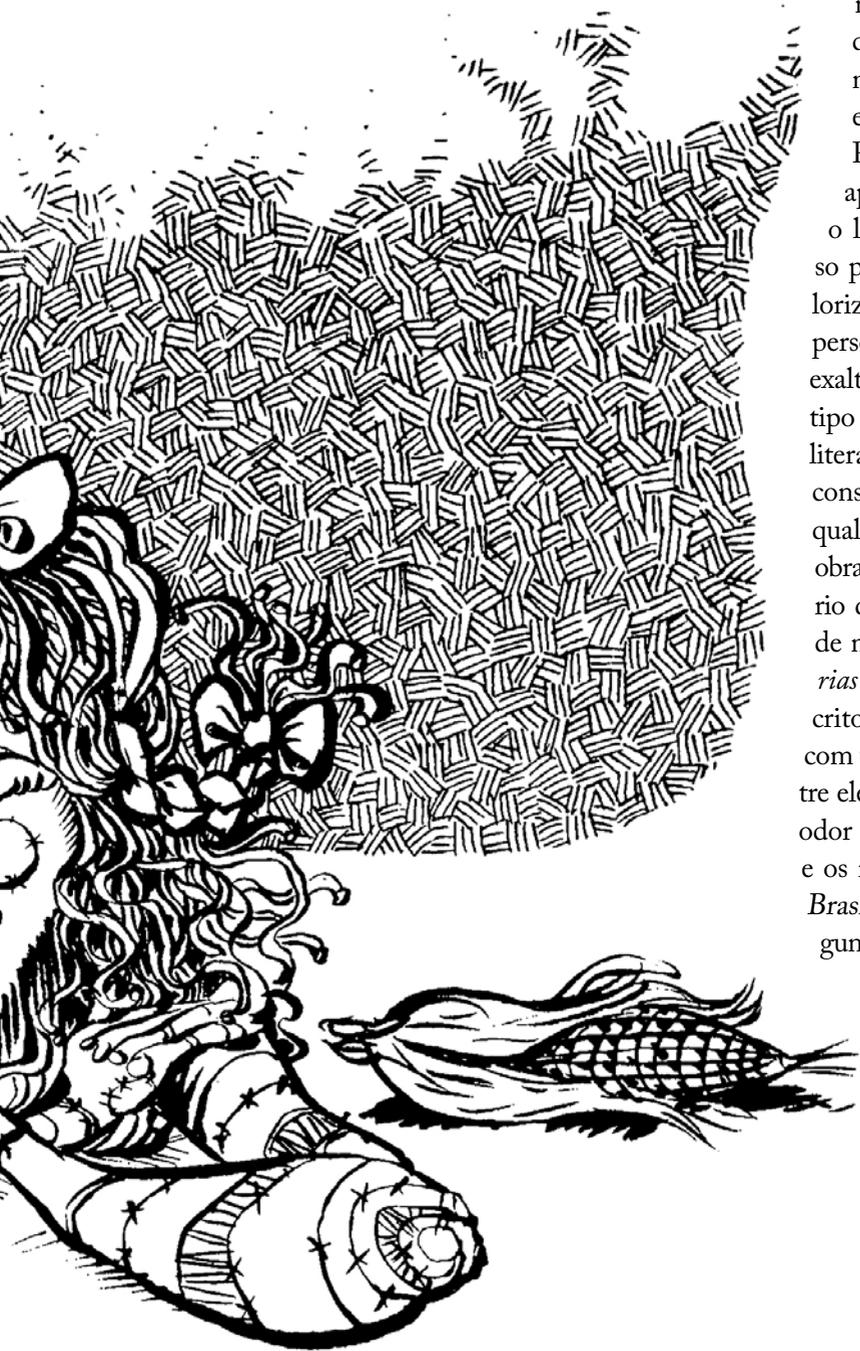
Emília

A boneca de pano criada por Monteiro Lobato (1882-1948) emplacou e está no imaginário dos leitores brasileiros. O escritor disse em entrevistas que Emília foi elaborada para ser uma personagem secundária, mas adquiriu força e surpreendeu. Lobato tem uma galeria de personagens célebres, entre eles, Pedrinho, Narizinho, Dona Benta, Quindim, Rabicó, mas não poucos leitores dizem que Emília é a favorita. Ela faz tudo o que as crianças gostam de fazer e tudo aquilo que os adultos gostariam de realizar se pudessem: fala o que pensa, e pensa sem limites. É rebelde. Não hesita em enfrentar e afrontar seja lá quem for, inclusive convidados que, eventualmente, visitam o Sítio de Dona Benta. É, para usar uma expressão contemporânea, politicamente incorreta no trato, entre outras personagens, com Tia Nastácia, a empregada que a costurou e tornou possível a sua existência. Tirana, obrigou o personagem Visconde de Sabugosa a escrever um livro que ela quer assinar, o *Memórias da Emília*, onde ela, e principalmente ela, aparece com destaque. Mas o Visconde decidiu desconstruir Emília: “Emília é uma tirana sem coração. Não tem dó de nada. [...] Também é a criatura mais interesseira do mundo. Tudo quanto faz tem uma razão egoística. [...] Emília é uma criaturinha incompreensível. [...]”. Então, Emília surpreende Visconde, lê o conteúdo e aceita as críticas: “É isso mesmo. Sou tudo isso e ainda mais alguma coisa.” A bonequinha que nasceu muda e foi curada com uma “pílula falante” é irresistível: ela é um espelho para todos nós.



Macunaíma

“No fundo do mato-virgem nasceu Macunaíma, herói da nossa gente.” Assim Mário de Andrade anuncia a chegada de seu personagem mais famoso, chamado logo no título de “herói sem nenhum caráter”. O personagem foi criado para retratar seres lascivos, malandros, preguiçosos e sonhadores. Macunaíma sai da selva amazônica, onde vivia preguiçosamente à base de comida e sexo, e vai para São Paulo a fim de recuperar a muraquitã — um talismã que dele foi furtado e se encontra com o mascate peruano Venceslau Pietro Pietra, na verdade o gigante Piaimã. *Macunaíma*, apesar de sua gênese picaresca, dá a deixa para que o leitor identifique diversas questões caras ao nosso povo, como as origens indígenas nem sempre valorizadas e, o que é mais pulsante na obra, traços da personalidade do povo brasileiro — negados por uns, exaltados por outros. Mas Macunaíma é o pilar de um tipo de literatura que pouco tomou forma no Brasil, a literatura de humor, picaresca, em que os personagens conseguem rir de sua condição existencial — seja ela qual for. Um tipo de humor que faria eco também na obra de Oswald de Andrade, parceiro de geração de Mário que escreveu pelo menos dois romances célebres de nossa literatura, *Serafim Ponte Grande* e *As memórias sentimentais de João Miramar*. *Macunaíma* foi escrito como um passatempo de férias. Mário se isolou com um tio doente e a companhia de alguns livros, entre eles a obra etnográfica do antropólogo alemão Theodor Kuch-Grünberg que havia pesquisado as lendas e os mitos do Norte brasileiro, e o ensaio *Retrato do Brasil*, escrito por Paulo Prado também em 1928. Segundo a professora e ensaísta Gilda de Mello e Souza, “Macunaíma logo se transformou no livro mais importante do nacionalismo modernista brasileiro. A impressão fulminante de obra-prima que os companheiros de Mário de Andrade tiveram na época ao tomar contato pela primeira vez com o manuscrito, permanece até hoje”.



Ilustrações: **Theo Szczepanski**

Nelsinho

Em Curitiba nada parece ser como deveria. O personagem mais emblemático da literatura local é um Vampiro que não gosta de sangue, mas sim de sexo. Logo na capital mais fria do país surgir um homem tão libidinoso? Nelsinho, protagonista dos contos de *O Vampiro de Curitiba*, é mais um rebelde, um *outsider* que subverte as tradições de uma cidade de careta, do que um tarado — sem deixar de sê-lo, pois logo na largada do livro Nelsinho violenta uma vendedora de loja. “Tem piedade, senhor, são tantas, e eu tão sozinho”, reclama o herói e sai à caça pela cidade fria, sem pestanejar. Nelsinho não faz distinção, seu coração é grande, há afeto para todas: da ex-professora à prostituta de rua. O anti-herói de Trevisan é descrito como magro, bigodinho e cabelos bem aparados. Tem treze anos segundo a descrição policialesca empreendida no conto “Debaixo da Ponte Preta”, em que Dalton Trevisan eterniza um não-ponto turístico da capital paranaense. Mas a realidade, para o escritor, é apenas uma convenção frágil. Virando a página, Nelsinho já é homem feito, sagaz e atento. Só o que não muda é seu apetite sexual, sempre em dia. Quando publicou *O Vampiro de Curitiba*, em 1965, Trevisan já era um autor em pleno domínio de seu ofício, com pelo menos dois livros candidatos a clássicos no currículo, *Novelas nada exemplares* e *Cemitério de elefantes*. Portanto, as aventuras de Nelsinho trazem todas as características que consagram a literatura do escritor, como a síntese, o uso intensivo de elipses e a busca por um retrato poético das “desgraceiras” do cotidiano. A diferença é que em *O vampiro de Curitiba* Dalton Trevisan e sua singular literatura dão forma a um personagem tão emblemático que ganhou vida própria fora dos livros, a ponto de ser confundido com seu criador.



Capitu

Em 1999, um século após Machado de Assis publicar *Dom Casmurro*, o Supremo Tribunal Federal fez um julgamento da personagem Capitu: ela traiu ou não o marido Bentinho? O jurista José Paulo Sepúlveda Pertence, ministro do STF, decidiu pela absolvição de Capitu, Capitolina de Pádua Santiago. No entanto, apesar da absolvição, o juiz confessou a sua convicção, particular, de que ocorreu adultério.

Márcio Thomaz Bastos, advogado e ex-presidente da OAB, atuou na acusação, e Luiza Nagib Eluf, procuradora de Justiça em São Paulo, defendeu Capitu. Os escritores Carlos Heitor Cony, Marcelo Rubens Paiva, o historiador Boris Fausto e a escritora Rosiska

Darcy de Oliveira foram convocados como testemunhas. O exercício jurídico, que aconteceu nas dependências do jornal *Folha de S. Paulo*, dá a medida de quem é Capitu: uma personagem criada pela imaginação de Machado de Assis, mas que está presente no imaginário de todo um país. A narração de *Dom Casmurro* é feita pelo personagem Bentinho, já na velhice.

Ele demonstra ciúme da esposa e sugere que ela o traiu com o seu melhor amigo, Escobar — aquele que tinha parentes em Curitiba. Capitu é descrita como uma mulher de “olhos de cigana oblíqua e dissimulada” ou e até portadora de

“olhos de ressaca”, expressões misteriosas, que podem dizer tudo (ou nada). Muitos duvidam que ela traiu o marido, pela falta, evidente, de provas. O escritor Dalton Trevisan tem certeza do adultério: “Se a filha do Pádua não traiu, Machadinho se chamou José de Alencar.”



Tom Sawyer

Ele é um dos personagens mais conhecidos nos Estados Unidos. E, também, por leitores em todo o mundo. Tom Sawyer é o protagonista de livros do escritor norte-americano Mark Twain (1835-1910), principalmente *As aventuras de Tom Sawyer*. O pequeno Tom é aquilo que se pode chamar de danadinho. Ele é órfão, vive com a sua tia Polly, o irmão Sidney e a prima Mary em uma pequena cidade situada nas margens do Rio Mississippi, no sul dos Estados Unidos, no fim do século XIX. Em *As aventuras de Tom Sawyer*, o autor apresenta o personagem: Tom não gosta de estudar e, no colégio, faz bagunça, é repreendido pelo professor. Faz amizade com um menino que é considerado o pior exemplo da cidade, o Huckberry Finn. Juntos, pintam e bordam. Fogem em um barco para viver como se fossem piratas. Presenciam um crime e, apesar de em um primeiro momento, jurarem não contar nada, vão ajudar as autoridades locais a perseguir e prender os criminosos. Tom percorre aquilo que os estudiosos chamam de a jornada do herói: ele está aparentemente sossegado e, então, surge um problema e ele precisa, mais que resolver o impasse, provar por meio de atitudes que merece ser respeitado. O texto de Twain, considerado o pai da literatura norte-americana moderna, é contagiante. *As aventuras de Tom Sawyer* não são, necessariamente, um livro para crianças. Adultos também atravessam as páginas seduzidos pela narrativa e pelo comportamento de Tom: ele é o menino que todos gostaríamos de ter sido: divertido, aventureiro em busca de aceitação.

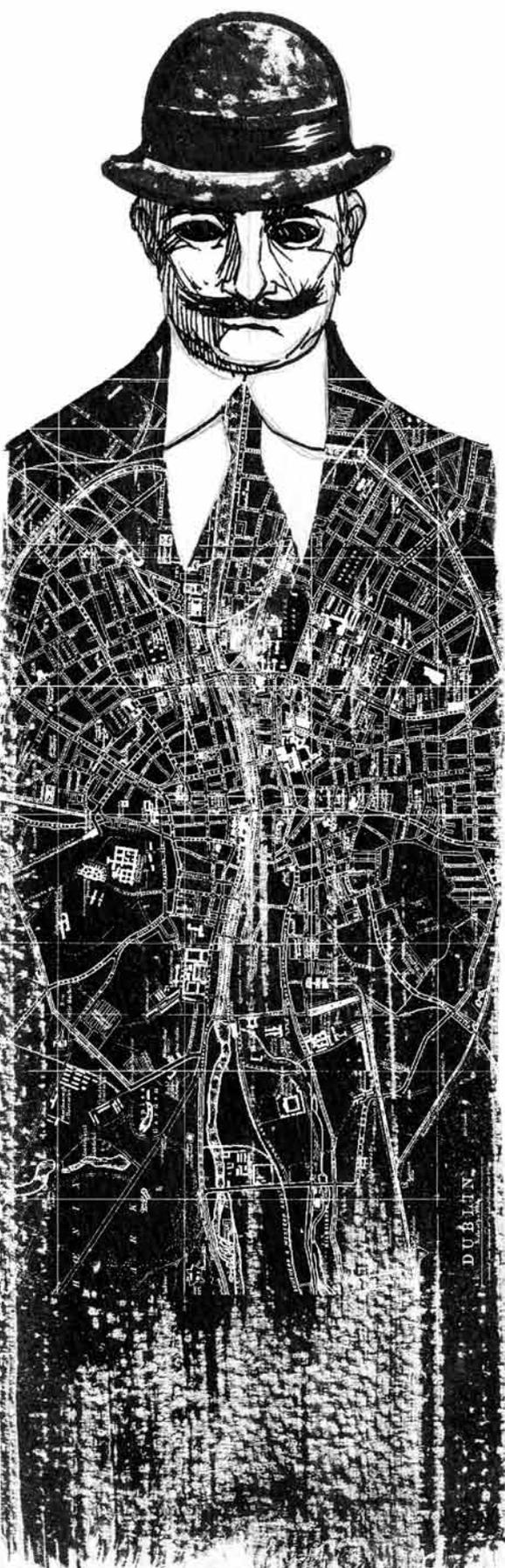




Quixote

Quixote — Alonso Quijano, mais conhecido como Dom Quixote de La Mancha, é considerado por parte da crítica literária um dos maiores personagens de toda a História. Modesto fidalgo rural, Quijano era o que se poderia chamar de um homem comum de seu tempo. Gostava de caçar, era um comedor de lentilhas e vestia calças de veludo para ir a festas. Estava com 50 anos e era “rijo de compleição, seco de carnes e enxuto de rosto. Seu principal passatempo, que lhe consumia dias e noites inteiros, era ler livros de cavalaria. Foi assim, página por página, envolto por aventuras, desafios e amores, que Alonso foi, lentamente, se transformando no Quixote que hoje, mais de 400 anos depois da publicação do livro de Miguel de Cervantes, ainda celebramos. Envolto por desafios, aventuras e amores que lia nos livros de cavalaria, o herói ficou tão impactado, que suas leituras “lhe separam o cérebro, de maneira que chegou a perder o juízo”. E é essa “loucura” que fez de Quixote um personagem tão singular e seu nome sinônimo (quixotesco) utilizado até por gente que nunca leu o livro de Cervantes. Desajuizado, Quixote montou em seu pangaré, o igualmente singular Roncinante, catou umas armas que pertenciam a seus bisavôs, remendando-as com papelão e deu adeus à ama, à sobrinha e a seus dois melhores amigos — um vigário e um barbeiro — com quem convivera até então. Autoproclamado cavaleiro andante, saiu galopando em busca de aventuras, que a cada lance, tornam-se desventuras. Mas são tantos os momentos épicos e marcantes de Quixote — a amizade com Sancho Pança, as batalhas com os moinhos de vento e com tonéis de vinho, a presença de Dulcineia — que é impossível destacar apenas uma ou outra passagem.





Leopold Bloom

Um dia da vida de Leopold Bloom foi suficiente para que o personagem criado por James Joyce fosse celebrado mais de 90 anos depois de sua aparição em livro, em 1922, quando *Ulysses*, a obra máxima do autor irlandês foi publicada na França. Judeu de meia-idade que trabalha como publicitário em Dublin, na Irlanda, Bloom até hoje é lembrado e festejado, especialmente em 16 de junho, data em que se passa o livro e quando é comemorado o Bloomsday. O enredo gigantesco, de quase mil páginas, acompanha 24 horas da vida de Bloom. Ele acorda, toma café, vai ao trabalho, comparece ao enterro de um amigo, almoça, vai à biblioteca, ouve música em um pub, caminha à beira mar, vai a um bordel e volta para casa. Aparentemente um dia como outro qualquer na vida de um homem comum. Mas nas mãos habilidosas de um renovador da linguagem literária como Joyce, a vida de Bloom se transforma em uma odisséia, palco para reflexões filosóficas, debates sobre religião e o sentido da humanidade. Segundo a crítica, Joyce quis mostrar como o fluxo de cada vida é tão heroico como o mite de Ulisses, daí a referência do título. Para o também romancista Vladimir Nabokov, “ao compor a figura de Bloom, a ideia de Joyce é colocar entre os endêmicos irlandeses da sua Dublin natal alguém que seja simultaneamente irlandês e exilado, e ovelha negra, como ele, Joyce”.





Raskolnikóv

O escritor Luiz Antonio de Assis Brasil considera Raskolnikóv, o protagonista do romance *Crime e castigo*, de Fiódor Dostoiévski (1821-1881), um dos personagens mais importantes da história da literatura. E, de fato, a opinião de Assis Brasil é, não apenas pertinente, mas compartilhada por vários escritores, estudiosos e leitores. Raskolnikóv, ex-estudante de Direito, é um sujeito sem dinheiro que sonha em se tornar notável devido a alguma ação. Apesar de contrariado, em luta contra a própria consciência, ele comete um crime. Assis Brasil explica porque considera o personagem um marco da literatura: “Raskolnikóv passa todo o romance dividido entre a culpa pelo homicídio e a busca de razões para perdoar-se. Seu drama não é evitar que a polícia o descubra, mas, sim, achar uma fórmula de compromisso que lhe permita viver e, se possível, ser feliz — o que de antemão sabemos que não conseguirá. É esse conflito pessoal que sustenta *Crime e castigo*.” O escritor e jornalista Stefan Zweig (1881-1942) escreveu que os estados de alma absurdos de *Crime e castigo* preparam um assassinato, enquanto os nossos nervos têm, desde muito, a intuição de um drama terrível: “O retardamento da ação é um dos requintes com que se embriaga a sensualidade de Dostoiévski; são pontos de agulha enfiados à flor da pele.” O escritor Dalton Trevisan, por sua vez, aproveitou a fama do personagem russo para, por meio da ficção, definir o curitibano: “Em cada esquina de Curitiba um Raskolnikov te saúda, a mão na machadinha sob o paletó.”

Alice

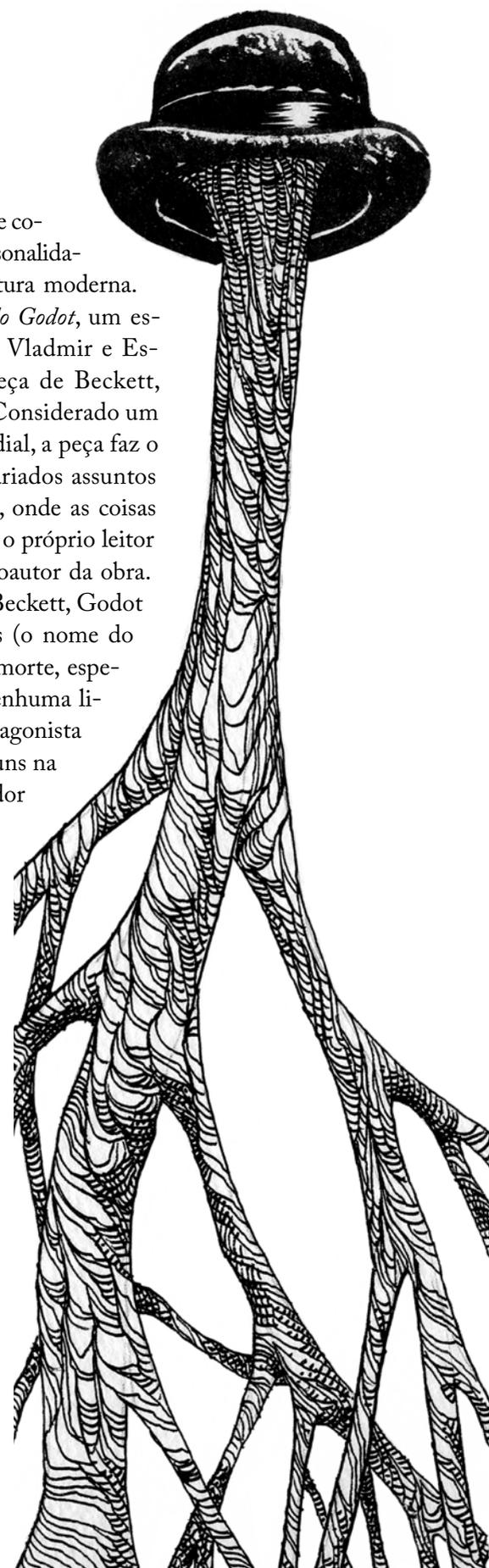
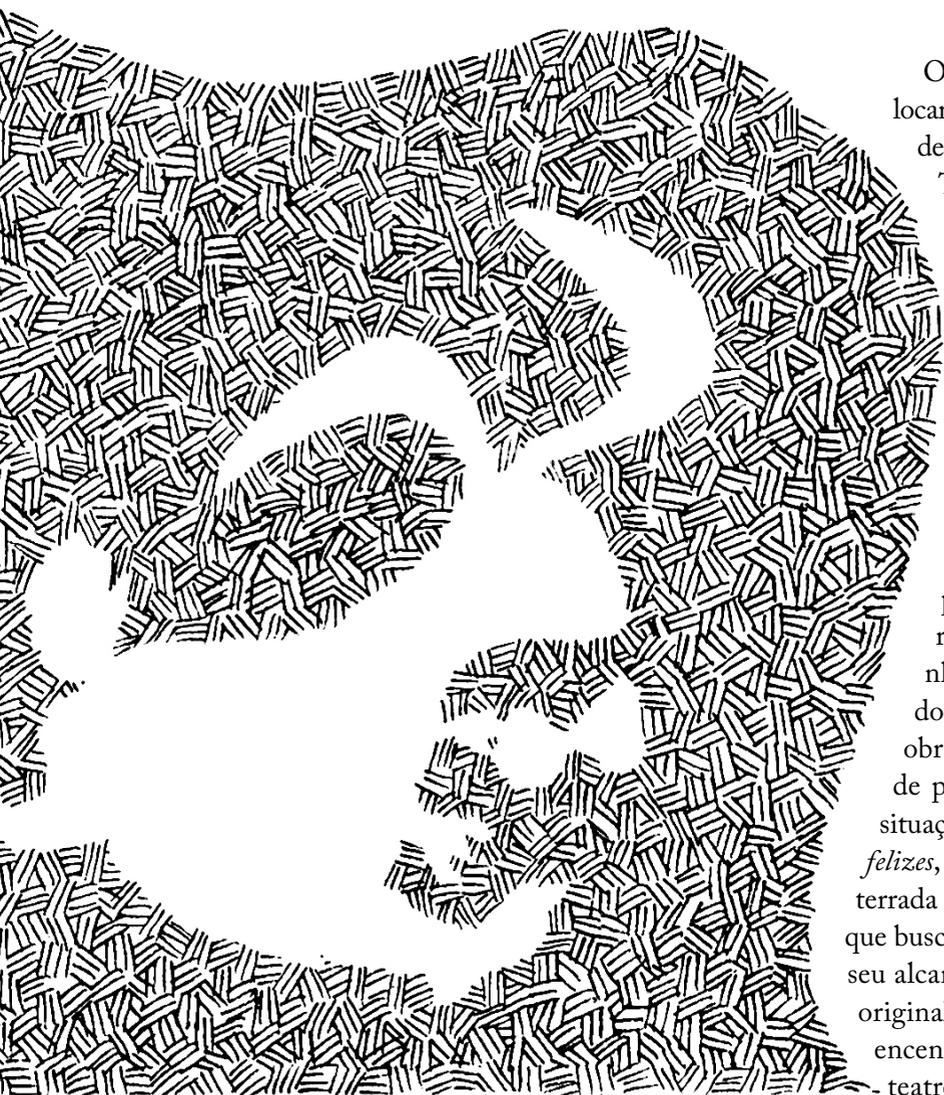
“Alice estava começando a ficar muito cansada de estar sentada ao lado da irmã na ribanceira, e de não ter nada para fazer.” Dessa maneira começa o lendário *Aventuras de Alice no país das maravilhas*, escrito por Lewis Carroll — e publicado em 1865. A personagem estava, a exemplo do que a primeira frase do livro mostra, entediada e, subitamente, cai dentro de uma toca de um coelho e, a partir daí, é transportada para um lugar muito diferente de sua realidade. “Caindo, caindo, caindo. A queda não terminaria nunca?”, ela se questiona. Os estudiosos costumam afirmar que o enredo do livro de Carroll suporta as mais variadas interpretações: metafísica, política e até mesmo freudiana. E, além de ser uma obra com abertura para diversas simbologias, a saga de Alice inclui alusões ou, falando claramente, alfinetadas do autor dirigidas a amigos e inimigos. Alice teria, no enredo, viajado para um país distante ou a aventura não teria passado de um sonho? O leitor pode decidir e, mais que tudo, o livro se abre para crianças e adultos — ambos podem viajar pelo texto de Carroll, que também escreveu outro título para a personagem, o *Alice através do espelho e o que Alice encontrou por lá*. Reza a lenda que Carroll se inspirou em Alice Liddell, filha de um amigo, para criar a célebre personagem. Mas a realidade foi apenas trampolim para o autor idealizar essa personagem que segue por um enredo aparentemente sem sentido e, que, de maneira sutil, quase indiretamente, diz muito a respeito da personalidade humana.



Godot

O irlandês Samuel Beckett conseguiu a proeza de colocar um personagem sem rosto, identidade e personalidade definidas entre as maiores criações da literatura moderna.

Trata-se do personagem-título de *Esperando Godot*, um espectro que nunca deu as caras, apesar de Vladimir e Estragon, as figuras em carne e osso da peça de Beckett, acreditarem piamente que ele aparecerá. Considerado um dos textos mais brilhantes do teatro mundial, a peça faz o leitor/espectador refletir sobre os mais variados assuntos se utilizando de uma técnica minimalista, onde as coisas não são ditas por inteiro, fazendo com que o próprio leitor seja, em alguma medida, uma espécie de coautor da obra. Talvez por esse caráter aberto do texto de Beckett, Godot já foi considerado a representação de Deus (o nome do personagem seria uma variação de "God"), morte, esperança ou felicidade. Tudo no plano etéreo, nenhuma linha que faça qualquer descrição física do protagonista do livro. Godot anteciparia características comuns na obra de Beckett, que se tornou um exímio criador de personagens deslocados do mundo real, em situações-limete, como a protagonista de *Dias felizes*, Winnie, uma mulher de meia-idade enterrada em uma colina e debaixo de sol a pino, que busca se agarrar às poucas coisas que estão ao seu alcance, como objetos de uma bolsa. Escrita originalmente em francês, *Esperando Godot* foi encenada pela primeira vez em um pequeno teatro de Paris e alcançou êxito inesperado.



POEMA | SYLVIO BACK

o filho de dona Else

ou

parecia filme do Hitchcock

eu me encolhi
 mui encolhidinha
 (não sou boba, viu?)
 olhou um olhou outro
 ficou aquela fuzilaria
 tremelicando
 parecia filme do Hitchcock
 (era à tardinha é noite)
 nem transpirava mais
 os passos deles explosão
 de címbalos
 ou grunhidos
 como se destes pinheiros
 caíssem grimpas sobre nós
 a pressa é
 toda criminosa (logo eu
 criminosa!)
 parecia filme do Hitchcock
 a nudez se resumia ao lusco
 -fusco
 louras estrelas que já vinham
 (advinhas)
 naquela ferrugem vi-me
 no alto da Golden Gate
 (ventos aturdidos pela fuga)
 sobre vidas a louvar
 uma eternidade
 ouvindo engodos
 zurros de granizo
 um quê de grave tropeço
 fatal e inviável
 parecia filme do Hitchcock
 (o mantra do vislumbre)
 nunca ficamos tão a sós
 (como agora)
 não me reconhecia
 eu apenas me havia

ex-abrupto
 baixou cheiro de acetato
 novinho em folha
 parecia filme do Hitchcock
 febrão cinéfilo
 era o que ainda
 conseguia articular
 mas riu (gengivas lívias
 de 1997)
 mesmo incrivelmente
 espesso
 a tela arquejou
 (como um esquecimento)
 parecia filme do Hitchcock
 ela foi empertigando
 ninguém se deu conta
 sorte nossa
 (balbuciou salobra)
 nem todas as lágrimas
 (contorcendo as garras
 cianóticas)
 nadaram em vão
 parecia filme do Hitchcock
 o dia da última
 vez que vi minha mãe ■

 **Sylvio Back** é cineasta, roteirista e escritor. Dirigiu os longas-metragens *Lance maior*, *A Guerra dos Pelados* e *Last Zweig*, entre outros. Também publicou os livros de poemas *O caderno erótico de Sylvio Back*, *Moedas de luz* e *As mulheres gozam pelo ouvido*. Em 2013 lançou uma coletânea com seus poemas eróticos chamada *Quermesse*. Vive no Rio de Janeiro (RJ).

Ilustração: **Marco Jacobsen**

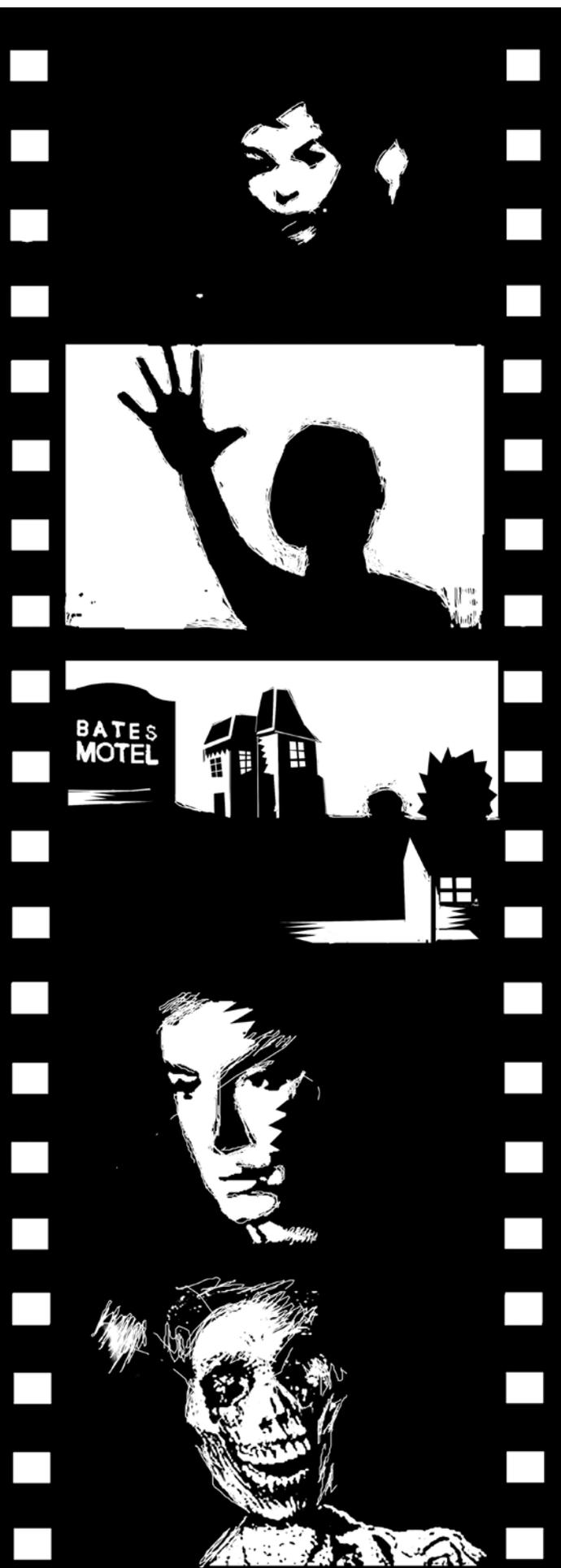
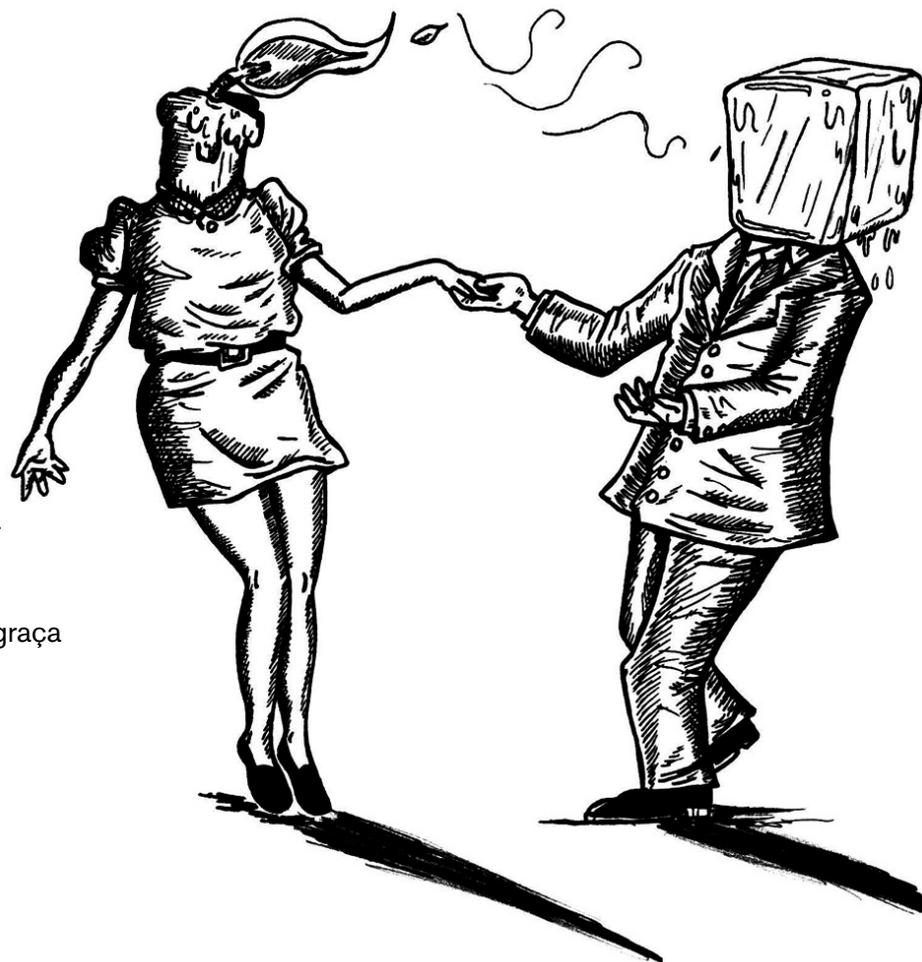


Ilustração: **Deivid Almeida**



amo o que me ameaça
e depois da trapaça
só o poema traça
o início e o fim da desgraça

Jovino Machado nasceu em Formiga (MG), foi criado em Montes Claros e vive em Belo Horizonte. É autor dos livros *Fratura exposta* (2005) e *Cantigas de amor & maldizer* (2013), entre outros.

antena

meu pai era galdino
livre
foi queimado

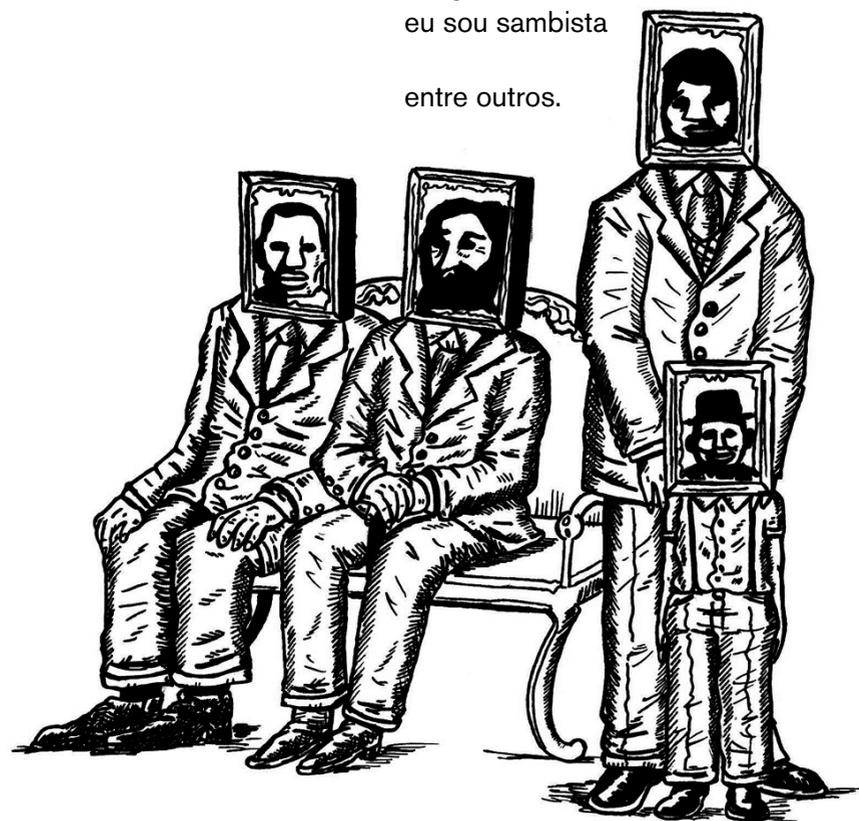
meu avô era zumbi
guerreiro
foi castrado

meu bisavô era bardo
pessoa
foi ignorado
eu sou sambista

entre outros.



não
quero
saber
de
salvador
dali
eu
quero
é
me
salvar
daqui





A literatura feita na América do Sul nunca esteve tão em evidência quanto nas décadas de 1960 e 1970. O chamado boom latino-americano trouxe à tona o que ficou conhecido como realismo mágico, um tipo de literatura com certa primazia da fantasia e da imaginação sobre a observação realista. *Cem anos de solidão*, o clássico de Gabriel García Márquez, é o ponto mais alto desse período que revelou ainda outros grandes livros e autores, como o argentino, nascido na Bélgica, Julio Cortázar e o brasileiro Murilo Rubião. Criado pelos avós, a infância na cidade de Arataca e as lendas contadas pelos parentes marcaram de forma profunda sua ficção. Figura mais popular da literatura hispânica desde Cervantes, García Márquez vendeu mais de 50 milhões de livros. O mais lido certamente é *Cem anos de solidão* (1967), épico sobre a família fictícia Buendía, que vive na cidade de Macondo, cenário que paira no imaginário de leitores há várias gerações. Além de *Cem anos de solidão*, García Márquez é autor de *O outono do patriarca*, *Ninguém escreve ao coronel*, *Crônica de uma morte anunciada* e *O amor nos tempos do cólera*, seus romances mais populares. Gabo, como era chamado por amigos e fãs, também é associado aos nomes mais representativos do chamado “new journalism”, corrente do jornalismo marcada pela liberdade com que são retratados fatos reais, à qual pertence o norte-americano Tom Wolfe. O autor faleceu em abril deste ano, na Cidade do México.

 **Rômolo D'Hipólito** nasceu em Foz do Iguaçu, em 1983. Iniciou nas artes gráficas durante a adolescência, publicando o fanzine *Chapa*, em 1999. O artista transita por diversas linguagens como quadrinhos, animações, pinturas e cartuns. Seus trabalhos foram reconhecidos e premiados pela e pelo Festival Animamundi, além de ter participado de exposições no Brasil e no exterior. Vive em São Paulo (SP).